

TEATRO-BAILE, UMA POÉTICA EM CONSTRUÇÃO
CTI - CIA TEATRO DA INVESTIGAÇÃO
AQUELA DO TEATRO-BAILE



CTI - Cia Teatro da Investigação

**Artistas Criadores - Carol Guimaris, Cris Camilo, Edu Brisa,
Geovane Fermac, Gustavo Guimarães
e Harry de Castro**

**Fotos - Acervo do Grupo - Aline Capobianco, Carol Guimaris, Edu Brisa, Geovane Fermac,
Gustavo Guimarães Gonçalves e Tally Campos**

Foto de Caps - Gustavo Guimarães Gonçalves

Diagramação - Geovane Fermac

Xilogravuras, Cartazes e Logo CTI - Luiz Felipe Macalé

Organização Editorial e diagramação - Geovane Fermac

Esta publicação é resultado do projeto “Teatro-Baile, uma poética em construção. Teatro é sangue e precisa circular” contemplado na 30ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.

Os direitos desta publicação são reservados à CTI Cia. Teatro da Investigação. As opiniões expressas em seu conteúdo são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Tiragem 1000 exemplares | Ano 2018

CTI - Cia Teatro da Investigação
Rua Oti, 212 Vila Ré, CEP CEP 03657050
Contato - projetos@teatrobaile.com

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ...4

A FESTA COMO POSSIBILIDADE DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL Edu Brisa ...8

A MORADA DO TEATRO-BAILE ...10

REGISTRO DOCUMENTAL 1ª Etapa Gabriel dos Santos Rocha ...20

DIÁRIO DE BORDO Gabriel dos Santos Rocha ...22

O SERTÃO É O NARRADOR Gabriel dos Santos Rocha ...26

INAUGURAÇÃO SEDE CTI ... 28

RODA DE CONVERSA COM VÂNIA DE NORONHA ALVES Gabriel dos Santos Rocha ...38

RODA DE CONVERSA COM CONGADA DE SANTA EFIGÊNIA DE MOGI DAS CRUZES Gabriel dos Santos Rocha ...39

#CTICASABERTA ... 40

O QUE É TEATRO Bruna Burkert ... 44

UM PALCO NO PONTO FINAL DE ÔNIBUS DO JARDIM IBIRAPUERA Beá Lima ... 46

A ARTE DE CIRCULAR Harry de Castro ... 48

I MOSTRA TEATRO EM TRÂNSITO ... 50

FOMENTO AO TEATRO PARA CIDADE DE SÃO PAULO Cris Camilo ... 60

UM TEXTO GUARDADO DE TEMPOS OUTROS. Gustavo Guimarães Gonçalves... 63

O TEATRO É POPULAR Cia. Flor do Asfalto ... 64

UMA RELAÇÃO SOLIDÁRIA Cia Encena Teatral ... 64

DEPOIMENTO SOBRA A I MOSTRA TEATRO EM TRÂNSITO OU

CARTA AFETIVA SOBRE COMO O TEATRO NA PERIFERIA EXISTE E É MARAVILHOSO Grupo Rosas Periféricas ... 65

UMA VIVÊNCIA DE INTERCÂMBIO SERTÃOOPERIFA E CTI Claudiney Nonato - Sertãooperifa ... 66

NO RURAL-URBANO AS TROCAS PERIFÉRICAS DA ARTE E DA CULTURA Magno Duarte - Vila do Sossego ... 66

REFINARIA TEATRAL Daniel Alves Brasil ... 68

CORRELAÇÕES INTUITIVAS: tecendo diálogos entre intuição e intelecto. Cida Almeida ... 70

A OLARIA DO JACKSON PELO DIREITO À ARTE E À MORADIA Beá Lima ... 72

O TEATRO-FESTA-CRIANÇA Edu Brisa...74

CARURU - UMA VERSÃO Cida Almeida ... 76

MEMÓRIAS DA PESQUISA DE CARURU Geovane Fermac ... 78

CARURU-TEATRO-BAILINHO Beá Lima ... 80

TEATRO-BAILE Carol Guimaris ... 82



Muito prazer,
Sou a Cia. Teatro da Investigação,
Mas pode me chamar de CTI.
Venho com meu TEATRO-BAILE,
Mas não foi mole chegar até aqui;

Venho lá de dois mil e três,
Lá se vão quinze anos,
Vividos um de cada vez,

Paixão, vocação, abnegação, devoção,
Inspiração,
Transpiração, transpiração, transpiração;

Na orquestra do meu peito
Batem muitos corações,
Cores, ações;
Trago no peito o sentimento do mundo,
O desejo transformações;

Na estrada que traço até aqui,
Sempre me reinvento,
Reinvento a fé,
O fazer, a força, o prazer, o querer;
Até que em dois mil e doze,
Iluminado pela obra de Luiz Gonzaga,
Se reavivou o meu fazer teatral,
Foi um divisor de águas,
Que me fez dar um passo além do normal;

Chamo de TEATRO BAILE,
O Teatro,
Que põe o público pra dançar,
Dançar o jogo do Teatro,
Que é o jogo que eu sei jogar;
E agora esse é o farol,
Que ilumina o meu caminhar
Eu vou seguindo com o meu TEATRO-BAILE
Pondo o público pra dançar;

Agora é a vez de Investigar A FESTA,
Juntando a Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro
e também Chico de Assis;

E do homem e da mulher comuns, cada vez
mais,
Me aproximar;
Me aproximar por inteiro;
Atualizar o espaço da festa,
Do povo brasileiro;
Do homem e da mulher
A festa popular;
Do povo periférico,
Do povo marginal,
Que me faz imaginar;

A porta está aberta,
Pode entrar;
Muito prazer,
Sou a Cia. Teatro da Investigação,
Mas pode me chamar de CTI.

O Teatro-Baile Começa com a obra de Luiz
Gonzaga,
Depois Jackson do Pandeiro,
E por fim, até aqui, Chico de Assis,
É Teatro Popular,
Sem iguá,
Me dê a com licença,
Com toda humildade,
De lhes apresentar, aqui,

A nossa trindade!

O 1º é Luiz Gonzaga;
Aquele Rei do Baião;
Aquele da Asa Branca;
Do Assum Preto e do sertão;
O sanfoneiro do povo;
Que nunca desafinô;
Dançô xote e xaxado;
e a poeira alevantô;

O 2º é Jackson do Pandeiro;
O Mister Tamborim-man;
Tem pandeiro até no nome;
Quero vê quem mais que tem;
Era um negro miúdim;
Da voz fina como o quê;
Resistiu até à fome;
Resistiu ao iê-iê-iê;

O 3º é Chico de Assis;
Dramaturgo brasileiro;
É um homem de teatro;
Um artista por inteiro;
Com ele não tem falácia;
Seu nome é Chico de Assis;
Um cidadão da galáxia!

E segue o Baile-Teatro
Investigando a festa como
possibilidade de mobilização social,
Teatro é Sangue e precisa circular,
Uma poética em construção,
O Teatro-Baile aqui está,
É Teatro e é Baile
E precisa continuar!





IMPLEMENTAÇÃO DA SEDE

Rodas de Conversa

Pesquisa da Festa

Treinamento técnico artísticos

Criação de O Teatro-Bailinho

Apresentações dos espetáculos



CIRCULAÇÃO DO REPERTÓRIO TEATRO-BAILE

A Casa de Farinha do Gonzagão

A Olaria do Jackson do Fandeiro

A Feira de Chico, Gonzaga
e Jackson

O Teatro-Bailinho



AÇÕES INTEGRADAS:

A SARATECA

- Biblioteca na SaraVan

A SARAWEB

- Rádio Web na SaraVan

FOTO COM O BODE



ARTISTAS TRANSFORMADORES

Carlos Simioni

Cida Almeida

Ednaldo Freire

Fernando Alabê



CONVIDADA ESPECIAL PARA A PESQUISA DA FESTA:

Vânia de Fátima Noronha Alves

Autora do material norteador
(os festejos do reinado de
Nossa Senhora do Rosário
em Belo Horizonte-MG:
práticas simbólicas e educativas.
Tese de Doutorado. USP 2008)



INTEGRANTES CTI

Beto Bellinati

Camila Borges

Carol Guimaris

Cris Camilo

Danuza Novaes

Edu Brisa

Gabriel Rocha

Geovane Fermac





DOCUMENTÁRIOS
audiovisual e literário

PUBLICAÇÃO DOS TEXTOS
as 04 peças do repertório
Teatro-Baile

PUBLICAÇÃO DA REVISTA
Teatro é Sangue
e precisa Circular!



**COLETIVOS PARCEIROS-
INTERCÂMBIO E FESTA!**

1ª MOSTRA O TEATRO EM TRÂNSITO!

Bloco do Beco
Cia. Catraca do Riso
Cia. Flor do Asfalto
Comunidade Cultural Quilombaque
Comunidade Jd. Sto. Elias
Cultura de Garagem
ENCENA Cia. de Teatro



**COLETIVOS PARCEIROS-
INTERCÂMBIO E FESTA!**

1ª MOSTRA O TEATRO EM TRÂNSITO!

Forró de Muje
Grupo Rosas Periféricas
Praça Aberta
Refinaria Teatral
Terça Afro
Ilú Inã



INTEGRANTES CTI

Harry de Castro
Haylla Rissi
Macalé
Mariana Paudarco
Nathália Alfieri
Samuel Gambini
Scheila Leandro
Tally Campos



COMUNIDADES

Sede CTI - Vila Ré - ZL
José Bonifácio - ZL
Pq. São Rafael - ZL
Itaim Paulista - ZL
Vila Aurora - ZN
Jd. Vista Alegre ZN
Perus - ZN
Jd Santo Elias - ZN



COMUNIDADES

Brasilândia - ZN
Vila Sonia - ZD
Praça Aberta - Centro
Favela da Felicidade - ZS
Jd. Piracuama - ZS
Jardim Angela - ZS
Marsilac - ZS
Capão Redondo - ZS





**A FESTA COMO POSSIBILIDADE DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL;
O TEATRO COMO POSSIBILIDADE DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL;
O TEATRO-BAILE COMO PROPOSITOR DE POSSIBILIDADES
PARA A MOBILIZAÇÃO SOCIAL;**

Esse projeto nos permite a continuidade da pesquisa da Cia. que tem como essência a criação de um espaço poético para a participação do público. É isso que estamos fazendo, investigando e ampliando essa possibilidade com melhor estrutura e melhores condições para realizar a criação e a circulação dos nossos trabalhos artísticos.

Nessa primeira etapa, conseguimos pôr em prática nosso pensamento e estratégias para a formação de novos públicos para o teatro, trabalhando a festa como o lugar de encontro do nosso trabalho com o público. Nos é muito caro a relação do trabalho com o público, a forma de fruir o teatro, o lugar da conversa, da escuta e principalmente o lugar de pertencimento do público.

Circulamos com os espetáculos "A CASA DE FARINHA DO GONZAGÃO", "A OLARIA DO JACKSON DO PANDEIRO", "A FEIRA DE CHICO, GONZAGA E JACKSON" e "CARURU" por 16 comunidades da Cidade de São Paulo, essa circulação nos alimenta, nos fortalece e nos permite criar vínculo artístico-afetivo com as comunidades, ter a oportunidade de levar o nosso repertório nas comunidades. Poder voltar de tempos em tempos com um trabalho diferente nos ajuda a fortalecer o laço e a criar um hábito do público na relação com o Teatro. No caso aqui, o Teatro-Baile.

O Teatro-Baile tem a premissa de ir até o público, democratizar o acesso, proporcionar uma experiência artística de liberdade e ludicidade, despertar o interesse desse público para o Teatro. Trabalhamos com as matrizes da cultura popular, com temas e ma-

teriais que vão de encontro à memória afetiva do público o que de cara, desperta seu interesse pelo trabalho e uma vez interessado, ele tem ali um espaço que o acolhe como ele é, sem exigir dele qualquer comportamento padrão, pelo contrário, a sua relação com o trabalho é que retroalimenta a cena e aí sim temos uma relação de troca e afetações!

Com a realização do projeto "Teatro-Baile, uma poética em construção. Teatro é Sangue e precisa circular" Podemos aprofundar a pesquisa, aprimorar nossas técnicas e nos dedicar exclusivamente ao trabalho da Cia. Realizamos rodas de conversa, troca de saberes, intercâmbios, treinamento artístico além de abriremos as portas da nossa SEDE.

A SEDE é mais um ponto importante nessa nossa empreitada na formação de público. Um espaço aberto para a comunidade que acolhe os moradores da Vila Ré, que abriga nossos trabalhos artísticos e que acolhe também outros artistas e seus trabalhos. Vivenciamos, e entendemos já nesse curto espaço de tempo que o espaço da Cia. é um lugar sagrado, agregador e organizador do próprio fazer teatral. Temos um lugar de criar, conviver, mostrar e receber. Isso é um grande feito e nos traz muita responsabilidade. O espaço já se tornou uma referência para o entorno, e segundo os próprios moradores, trouxe vida para a Vila Ré.

Então viva!

Estamos mais fortes, entendendo melhor nosso próprio trabalho e a presença do projeto na cidade de São Paulo. Nosso trabalho é feito com muita dedicação, muito amor e muita transpiração e quando

observamos que o projeto se faz presente, o tempo todo, na cidade de São Paulo, isso nos dá mais força e convicção de que a pesquisa precisa ser feita junto com o público, na troca artística, e não apenas na sala de ensaio, escondido. É para ser mostrado e conversado com a cidade!

Estamos mais fortes para continuarmos. Estamos mais fortes e inspirados para criar, estamos mais integrados com a cidade, mais pertencentes, mais localizados dentro dessa cidade gigante e que tem uma gente diversa, e que nas suas bordas por onde o projeto circula tem muita gente civilizada, acolhedora e interessada no Teatro-Baile.

A luta continua. E vamos nessa!

Estamos prontos para o que der e vier.

Como se diz no Sertão: “Cobra que não anda não engole sapo”
Vamos caminhar o caminho!

Para continuar caminhando tivemos de nos reinventar muitas vezes ao longo dos nossos 15 anos, e recentemente de maneira radical.

Navegar é preciso!

Realizar para além do umbigo, para além do nosso clã, para além das fronteiras e barreiras que teimam aparecer.

CTI - Cia. Teatro da Investigação - Uma trajetória que completa 15 anos e que ainda nem começou!
O nosso melhor ainda está por vir!

Agradecemos imensamente a todos que nos ajudaram a trilhar o caminho, aos parceiros que possibilitam nossa caminhada, que como nós são caminhantes, multiplicadores e sabedores de que esse é um ofício que não é moleza, como já disse Plínio Marcos: “É mais uma condenação do que uma dádiva”.

O Caminhar continua.

Tivemos a Abertura da SEDE CTI

Tivemos a circulação do nosso repertório

pelos quatro cantos da Cidade São Paulo.

Tivemos 1ª MOSTRA DE TEATRO EM TRÂNSITO com nossos parceiros Carlos Simioni, Rosas Periféricas, Refinaria Teatral, Cia. Flor do Asfalto, Quilombaque\Trupe LIUDS, Cultura de Garagem\ Sertão Perifa\Vila do Sossego, Encena Cia. de Teatro, Ciclistas Bonequeiros, Trio Marrom, Banda Dona Crô, Cia. dos Inventivos e Vila Reggae.

Tivemos a construção de CARURU O TEATRO-BAILINHO - Teatro-Baile para crianças de Todas as idades.

Tivemos trocas com Cida Almeida, Carlos Simioni, Ednaldo Freire, Fernando Alabê Camilo David e Vânia de Fátima Noronha Alves.

Tivemos a SARATECA, tivemos a SARAWEB

Tivemos rodas de conversa sobre a festa e os festejos populares.

Tivemos Festas! Poesia, Leveza, Arte, Cultura, Festa!

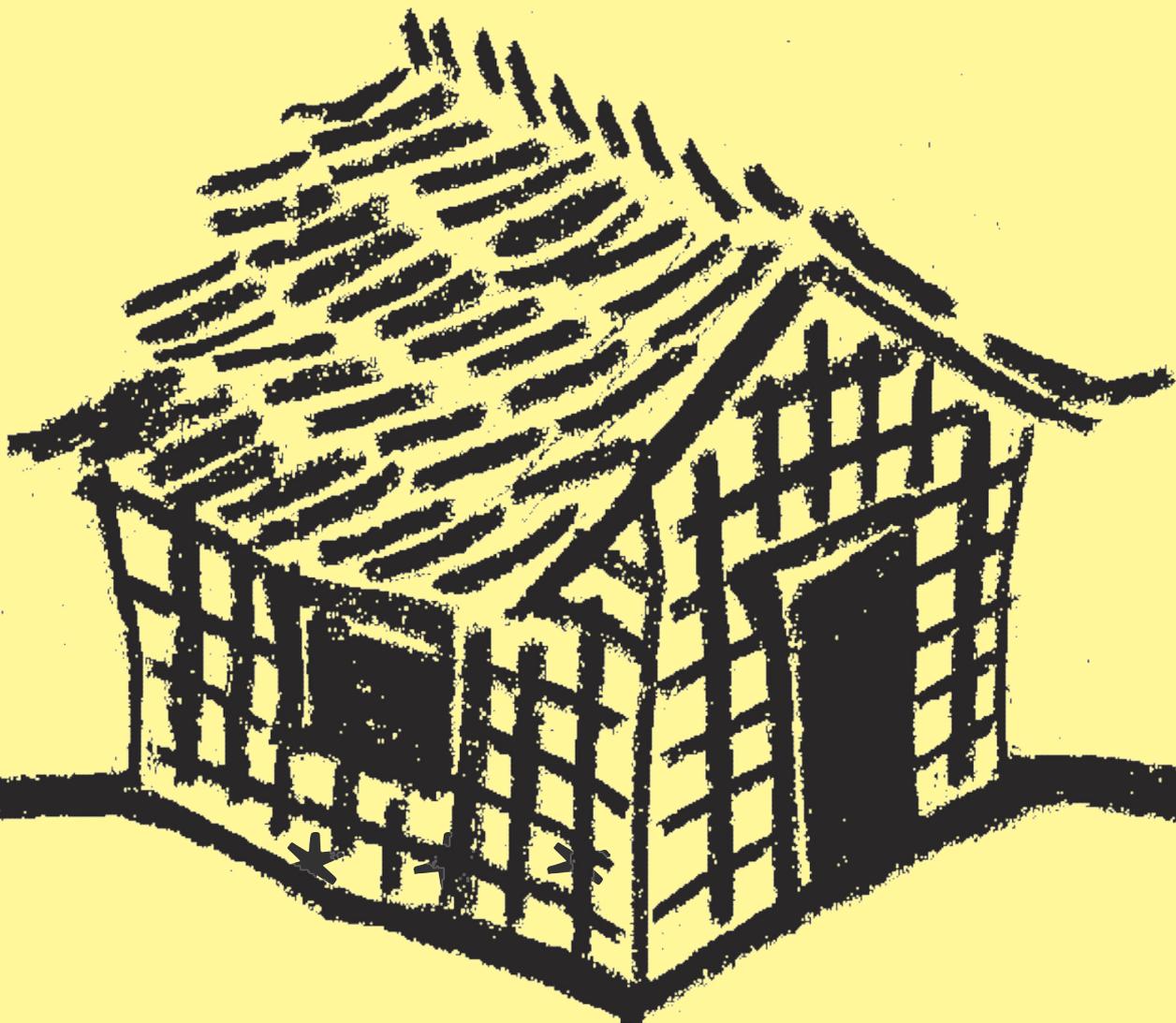
Estamos mais vivos do que nunca. Mais coesos, mais fortes e com muita gana de realizar.

TEATRO-BAILE, UMA POÉTICA EM CONSTRUÇÃO! - - E Continua...

Salve Chico de Assis,
Salve Luiz Gonzaga,
Salve Jackson Do Pandeiro,
Salve Carol Guimarães,
Salve Cris Camilo,
Salve Edu Brisa,
Salve Geovane Fermac,
Salve Gustavo Guimarães Gonçalves,
Salve Harry de Castro,
Salve Luiz Felipe Macalé,
Salve o Público,
Salve os Parceiros,
Salve o Fomento,
Salve a Rua,
Salve o Teatro-Baile,
Saravá

A Morada do Teatro-Baile

Nossa Sede, nossa morada;





15 anos depois de nossa arribada,

Temos onde fazer nosso ninho,

Onde dar e receber carinho,

Eita coisa boa arretada!

Um pé na cidade e outro na roça,

Pode entrar, a casa está aberta,

A casa é nossa!

Vem pra prosa, aqui é nosso lugar,

Lugar de Rodas de Conversa

De pesquisar da Festa

De treinamento,

De encontro,

De acalanto, de acolhimento,

Sempre de portas abertas

Vamos mostrar espetáculos,

Nossos ensaios,

Fazer festa,

E Criar de O Teatro-Bailinho,

Sejam bem-vindos

À nossa sede,

Ao nosso ninho!

Passe por aqui,

vez ou outra,

A casa está aberta,

E a imaginação à solta!

*****SEDE CTI*****

Como fruto de muito trabalho, em outubro de 2017 graças a contemplação do projeto Teatro-Baile, uma poética em construção. Teatro é Sangue e precisa circular na 30ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo abrimos um espaço cultural na Zona Leste de São Paulo.

Construída a muitas mãos a SEDE CTI abriga as atividades da Cia, assim como recebe outras atividades de grupos parceiros e artistas convidados.

Um Espaço para criação, aprimoramento e apresentações é um sonho antigo da CTI que sempre se viu obrigada a realizar seus encontros nos mais diversos cantos da Cidade de São Paulo. Um lugar de dar parada, criar um ninho e receber as pessoas com carinho.

O Espaço, um galpão aberto com uma casinha na frente, ali na Vila Ré, zona Leste da Cidade, aos poucos vai ganhando cor e vida, quando o grupo chegou no local encontrou um grande pedaço de concreto todo branco, hoje já está colorido cheio de plantas e tudo foi feito pelos integrantes do grupo desde a limpeza, reforma, pintura e construção de um espaço verde.

O Espaço Abriga o "MEMORIAL CHICO, GONZAGA E JACKSON" Uma Homenagem a Chico de Assis, grande dramaturgo brasileiro que apadrinou e orientou o grupo no início da pesquisa do TEATRO-BAILE, Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro artistas da cultura brasileira e que são pontos de partida para pesquisa do grupo.

Abrir um espaço cultural, demanda coragem, ousadia e muito trabalho. Manter um espaço cultural vivo, demanda mais que isso, demanda planejamento, parcerias, programação, conhecimento do seu entorno e das necessidades dos que ali vivem. Em poucos meses de existência a SEDE da CTI já se faz pertencente à comunidade da Vila Ré. Já é um ponto de referência. Todos os dias recebemos a visita de muitos moradores, querendo conhecer o espaço, nos felicitando pela iniciativa, ansiosos por atividades culturais, estabelecendo com o espaço uma relação de afeto. A SEDE CTI se propõe a ser um polo cultural da cidade de São Paulo, um espaço aberto que receberá as diversas manifestações artísticas, proporcionando ao público acesso ao bem cultural de qualidade. Um espaço de convivência onde possamos estreitar as relações humanas, vivenciar, trocar e saborear.

Esse espaço cultural se faz cada vez mais necessário, pois tem demanda, tem interesse público. Já recebemos escolas, grupos culturais, públicos de diversas partes da cidade, artistas da comunidade, e o público local que já faz da nossa SEDE um lugar seu.

Vamos nos dar as mãos e levar esse trabalho mais ao longe, é aqui na Rua Oti, 212, Vila Ré - Zona Leste da Cidade de São Paulo que mora o Teatro-Baile!





SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos

MEMORIAL CHICO, GONZAGA E JACKSON

SEDE CTI – CONSTRUINDO UM ESPAÇO



A entrega das chaves



A lavagem do espaço



No Ceasa – compra de caixotes



Preparando a decoração



Preparando a decoração



Primeiro Ensaio



Teste de cores



Construindo um banheiro



Pintando

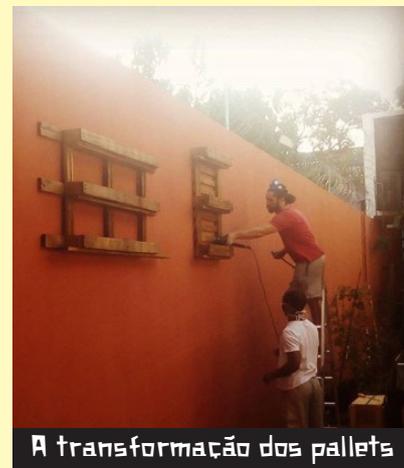
SEDE CTI - 2017
Fotos 1, 3, 7, 8 e 9: Geovane Ferman
Fotos 2, 4, 5 e 6 Tally Campos



A chegada dos pallets



A transformação dos pallets



A transformação dos pallets



preparando a fachada



preparando a fachada

SEDE CTI - 2017
Foto 1 Edu Brisa, Foto 3 Carol Guimaris
Fotos 2, 3 e 5 Tally Campos

SEDE CTI - CONSTRUINDO UM ESPAÇO



CEASA - EM BUSCA DE UM JARDIM

2017 - Fotos: Edu Brisa



CONSTRUINDO UM JARDIM

SEDE CTI - 2018 - Fotos: Edu Brisa

SEDE CTI - CONSTRUINDO UM ESPAÇO



DECORANDO A SEDE CTI COM AS XILOGRAVURAS DO MESTRE J. BORGES

SEDE CTI - 2018 - Fotos: Edu Brisa





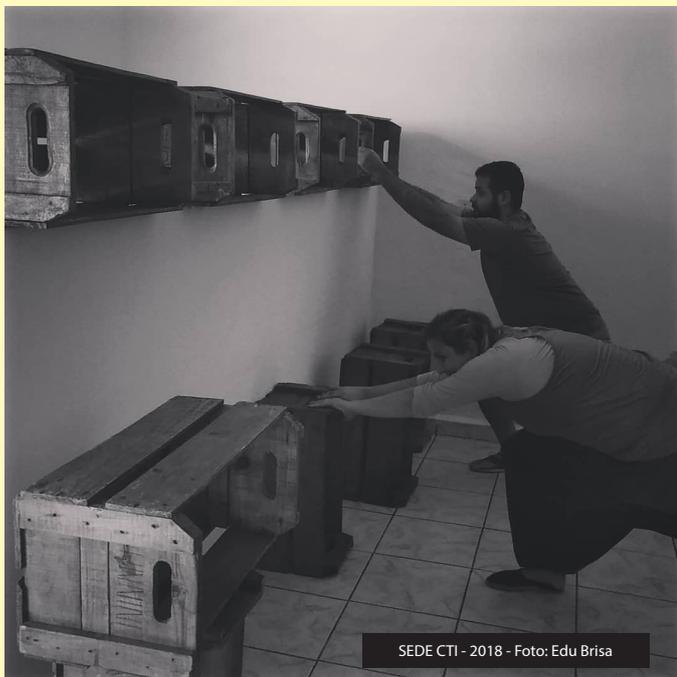
SEDE CTI - 2017 - Foto: Geovane Fermac

CONSTRUINDO UM CAMARIM



SEDE CTI - 2017 - Foto: Geovane Fermac

CONSTRUINDO UMA BIBLIOTECA



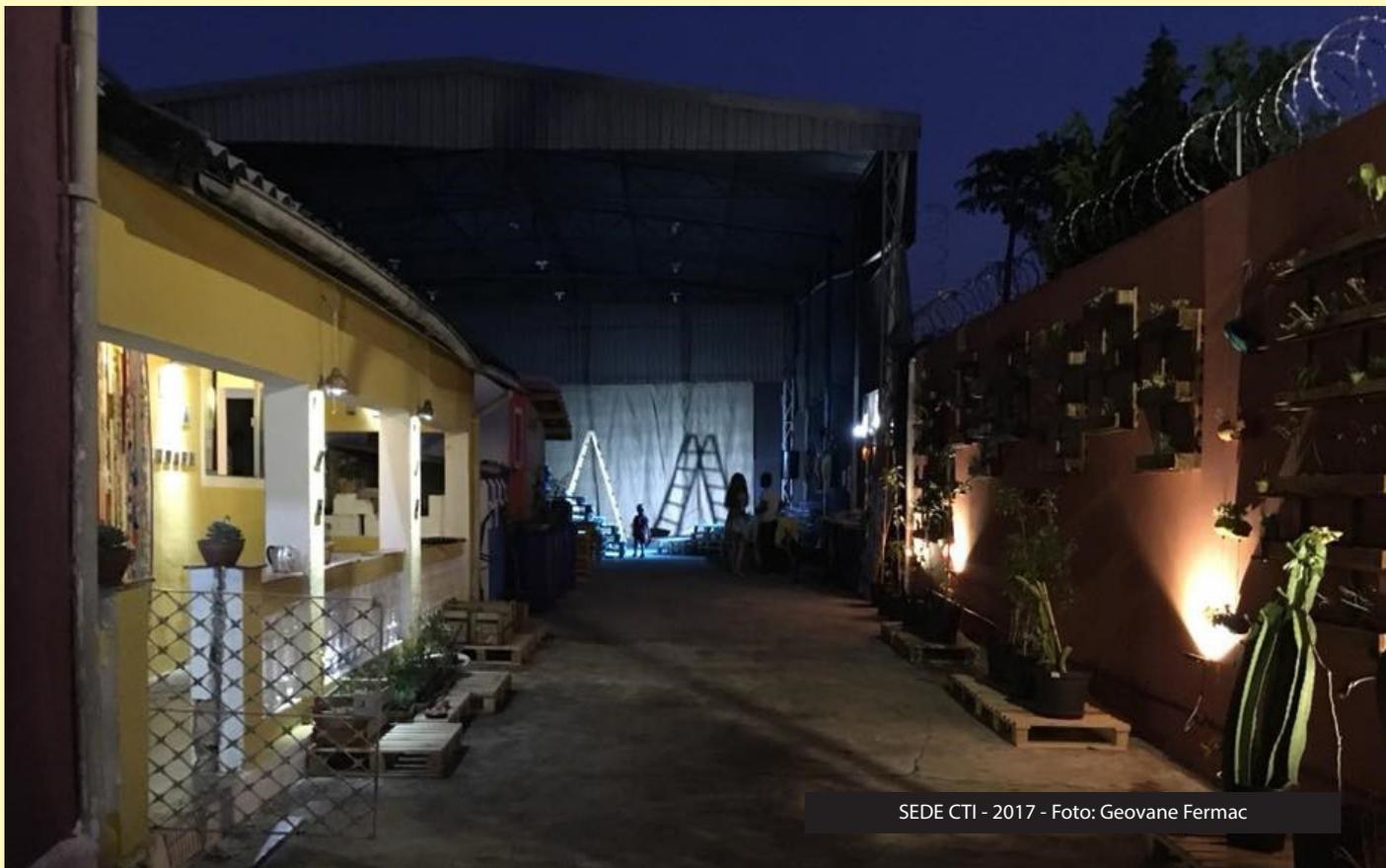
SEDE CTI - 2018 - Foto: Edu Brisa

CONSTRUINDO UMA COZINHA



SEDE CTI - 2018 - Foto: Geovane Fermac

CONSTRUINDO UM PALCO



SEDE CTI - 2017 - Foto: Geovane Fermac

**PODE ENTRAR
A CASA ESTÁ ABERTA
E A IMAGINAÇÃO À SOLTA.**

Companhia Teatro da Investigação (CTI) Registro documental da primeira etapa do Projeto Teatro-Baile, uma poética em construção. Teatro é sangue e precisa circular contemplado na 30ª edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.

Por Gabriel dos Santos Rocha

No segundo semestre de 2017 a Companhia Teatro da Investigação (CTI) iniciou a primeira etapa do Projeto Teatro-Baile, uma poética em construção. Teatro é Sangue e precisa circular contemplado na 30ª edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. Foi um período de intenso trabalho para a Companhia: obtenção, adaptação e arrumação da sede, ensaios, revisões e reformulações dramáticas e musicais, formações, rodas de conversas e outras atividades com parceiros e convidados, apresentações em diferentes partes da cidade e na sede recém-adquirida, elaboração e execução de eventos diversos. Com o projeto Teatro-Baile a CTI segue com o objetivo de investigação da festa como expressão, e também como forma de resistência coletiva, de mulheres e homens do povo. A CTI mantém seu foco na genealogia da cultura popular e em seus agentes.

□ Teatro-Baile

A concepção de Teatro-Baile surgiu na CTI em 2011, quando o grupo, naquela ocasião com 8 anos de existência, se empenhava na formulação de uma dramaturgia que dialogasse cada vez mais com as pessoas comuns: trabalhadoras, moradoras das periferias, retirantes nordestinos e seus descendentes; pessoas que dependem de transporte público, que lutam para não serem engolidas pela máquina; pessoas que improvisam a vida, que sobrevivem. No Teatro-Baile estão contidas as raízes da pesquisa sobre a festa como expressão popular (presente neste projeto) que nos informa sobre vivências das mulheres e homens do povo,

os quais formam grande parte do público com o qual a CTI dialoga, e no qual se inspira.

O Teatro-Baile estabelece um casamento – ou uma dialética – entre o teatro e o baile, de modo que qualquer possibilidade de contradição entre ambos seja suprimida. O Teatro-Baile é a síntese entre o teatro e o baile. É a festa em cena, o que também envolve a degustação em todos os seus sentidos, inclusive o gastronômico. O público é convidado a participar desta festa – do Teatro-Baile –, deixando de ser apenas espectador. O público entra em cena comendo, bebendo, dançando e apreciando ritmos populares brasileiros: xote, baião, xaxado, coco e samba.

Atualmente a Companhia tem uma trilogia baseada na concepção de Teatro-Baile: 1) A Casa de Farinha do Gonzagão: obra que versa sobre o cotidiano de trabalhadoras e trabalhadores do sertão nordestino cantado nas músicas de Gonzaga; 2) A Olaria do Jackson do Pandeiro, ambientada na cidade grande, aborda o cotidiano de mulheres em uma ocupação de moradia; 3) a Feira de Chico Gonzaga e Jackson que homenageia as três figuras que vêm inspirando a CTI há quase uma década: o dramaturgo Chico de Assis, Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro.

A SEDE

Obter a sede foi um passo de grande importância para a CTI. Neste ano de 2018 a Companhia completa 15 anos de existência, ao longo dos quais vemos uma itinerância não apenas de apresentações, mas também de locais de ensaios e reuniões, que

muitas vezes ocorreram em praças, parques, ruas, casas de membros do grupo, lugares temporariamente cedidos por parceiros. Naquela situação os ensaios nem sempre aconteciam em condições adequadas para os atores e músicos. Houve ocasiões em que ensaios tiveram que ser interrompidos, ou nem mesmo tiveram chance de começar. Porém, tal fato nunca foi motivo para o grupo desistir de seu trabalho artístico. Ao contrário, alimentou a esperança de um dia obter um espaço onde pudesse instalar-se, e organizar seu cronograma de ensaios, reuniões e formação à sua própria maneira.

Com a contemplação na 30ª edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, em agosto de 2017, a CTI instalou sua sede na Vila Ré, bairro da Zona Leste paulistana, e também vem buscando integrar-se à dinâmica cultural local, ao mesmo tempo em que mantém sua itinerância, levando seu Teatro-Baile para diferentes regiões da cidade. A interação com o bairro onde a sede situa-se, vem ocorrendo através de eventos que a Companhia tem promovido, convidando o público a participar, sobretudo o público da região. A CTI quando não vai, traz o público até ela.

Conseguir se estabelecer em um espaço foi um ganho para a Companhia, e isso foi possível com a contemplação da Companhia na 30ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. Nesta primeira etapa do projeto a CTI vem plantando sementes, e alguns frutos já puderam ser colhidos.

Sobre a circulação apresentações

Mantendo-se fiel à escolha pelo teatro de rua, a CTI vem priorizando como palco os espaços abertos e públicos. Eventualmente as apresentações ocorreram em lugares fechados como as dependências da sede de

algum grupo parceiro, ou o pátio de uma escola ou CEU. E quando isso aconteceu, a Companhia buscou preservar o quanto pôde a disposição cênica que mais se aproximasse da rua ou da praça.

Como já mencionamos, o Teatro-Baile abarca a atuação cênica, musical e gastronômica da cultura popular. Quanto a esta, a CTI serve nas apresentações comidas e bebidas preparadas por seus próprios integrantes. Dentre as três peças do Teatro-Baile, A Casa de Farinha do Gonzagão é a que envolve uma tarefa mais trabalhosa em relação às outras: além da Kariri (bebida preparada com aguardente e limão) é servido o baião-de-dois (prato típico do nordeste brasileiro, com arroz, feijão-fradinho ou feijão de corda, carne-seca, queijo coentro, etc.).

O preparo da comida geralmente acontece em espaço previamente combinado com alguma pessoa responsável por receber a Companhia no local de apresentação. Este espaço pode ser a cozinha da casa de algum morador da comunidade, a cozinha de algum pequeno estabelecimento comercial (como um bar), a cozinha de uma escola, ou a sede de um grupo parceiro. Além destas comida e bebida, também são servidos ao público: refrigerante, paçoca, balas e outros doces.

A CTI prioriza em sua agenda as periferias, lugares ainda pouco atingidos pelo teatro. É comum para a Companhia estar em um lugar onde a maioria do público nunca foi ao teatro. Por parte do público as reações são as mais diversas: curiosidade, encantamento, estranhamento, etc. No entanto, vale dizer que o respeito mútuo – entre a companhia e o público – é algo que vem prevalecendo. E isso é muito importante para um grupo cênico que também propõe a superação da dicotomia entre ator e espectador. Na medida em que boa parte do público da CTI descobre o teatro, a Companhia redescobre o teatro, redescobrendo-se a si própria.



*** DIÁRIO DE BORDO ***

por Gabriel dos Santos Rocha

Ao longo deste período (de agosto de 2017 a janeiro de 2018), em geral, semanalmente as quintas-feiras e sextas-feiras foram dedicadas a tarefas de organização, decoração e limpeza da sede; manutenção de materiais utilizados (caixotes, paletes, etc); ensaios, reuniões e formação. Sábados e domingos foram priorizados como os dias de circulação/apresentação das peças. Eventualmente ocorreram apresentações em outros dias da semana, e atividades internas aos finais de semana.

Os ensaios de A Casa de Farinha do Gonzagão ocorreram nos meses de agosto e setembro, concomitantemente às apresentações, e as outras atividades descritas.

O período de circulação da peça foi setembro e outubro. Os ensaios de A Olaria do Jackson do Pandeiro iniciaram-se em outubro; as apresentações começaram em novembro.

AGOSTO

A equipe de produção já vinha há um tempo procurando um espaço adequado para a instalação da sede da CTI. Quando esta primeira etapa do Fomento se iniciou, a Companhia assinou o contrato de aluguel do já referido espaço na Vila Ré. No dia 24 de agosto de 2017, quando a equipe de produção pegou as chaves iniciaram-se as primeiras tarefas de limpeza e arrumação do espaço. No dia 26, elenco e direção se reuniram para as primeiras leituras do texto da peça A Casa de Farinha do Gonzagão com algumas adaptações feitas pelo diretor. Os demais dias

do mês seguiram com arrumação da sede, leituras, ensaios cênicos e musicais, exercícios para a desenvoltura do corpo e da voz.

Setembro

A CTI voltou a circular pela cidade com seu Teatro-Baile, agora contemplada pelo Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. A primeira apresentação ocorreu em uma praça em frente a Okupação Cultural C.O.R.A.G.E.M, coletivo parceiro da Companhia, situado na Rua Vicente Avelar, 53, Cohab II em Itaquera (Z/L) no dia 16/09/2017 com o espetáculo "A Casa de Farinha do Gonzagão".

No dia 17/09/2017, "A Casa de Farinha do Gonzagão" chega na Praça Osvaldo Luis da Silveira, Pq. S. Rafael (Z/L). Os preparativos da peça foram feitos nas dependências da sede da companhia teatral Rosas Periféricas, também parceira da CTI. Apesar do céu cinzento, o público esteve presente (mulheres adultas e crianças majoritariamente). Alguns adultos que passavam pelo local, ao verem a apresentação foram até suas casas buscar seus filhos ou sobrinhos para assistirem a peça.

No dia 18/09/2017, apresentação "A Casa de Farinha do Gonzagão" no CEU Quinta do Sol, Av. Luiz Imparato, 564, em Cangaíba (Z/L). Público numeroso e bastante participativo, constituído essencialmente por pessoas da terceira idade, alunos do EJA, e pessoas especiais. As passagens da peça em que as piadas de duplo sentido fizeram sucesso!

Nos dias 21 e 22/09/2017, a Companhia esteve na sede recém-adquirida do coletivo parceiro

Terça Afro, na VI. Nova Cachoeirinha (Z/N) com a finalidade de ajudar na limpeza e manutenção das novas instalações.

No dia 23/09/2017, apresentou-se com “A Casa de Farinha do Gonzagão” em uma praça próxima a sede do coletivo parceiro Catraca do Riso – Ciclistas Bonequeiros – Casa Paulo Eiró, rua Afonso Dias, 154, Jd. Piracuama - Campo Limpo. Os preparativos para a peça ocorreram na sede do referido grupo. Público variado em termos de faixa-etária, e bastante participativo. O tempo chuvoso não impediu que a apresentação acontecesse, e não espantou o público que permaneceu até o final. Havia em torno de 40 pessoas assistindo à peça.

No dia 24/09/2017, a apresentação da “A Casa de Farinha do Gonzagão” foi na sede dos parceiros da Refinaria Teatral, situada na rua João de Laet, 1507, Vila Aurora (Z/N). Os preparativos ocorreram nas dependências da sede, e o espetáculo, na sala de teatro do coletivo. Na plateia estiveram presentes, pouco mais de 30 pessoas que demonstraram interesse no trabalho da CTI. Uma pessoa da plateia que cresceu no nordeste e conheceu de perto casas de farinha, com um ar um tanto nostálgico, apontou para a verossimilhança do trabalho da Companhia.

No dia 28/09/2017, foi a vez do EMEF Professor Mario Marques, na rua Marcelino Coelho, 297, Jd. Angela (Z/S) receber “A Casa de Farinha do Gonzagão”. Antes de a apresentação começar, uma trabalhadora da escola (não sabemos se era uma coordenadora ou professora), revelou que aquela apresentação era uma surpresa que o corpo docente fez para os alunos. Uma bela surpresa. O teatro educa

através do sensível. A escola enquanto espaço educativo – de construção do conhecimento, de circulação e aprimoramento dos saberes – deve dar as mãos para o teatro, pois o teatro também é escola, onde os saberes circulam. Teatro é arte, mas também pode ser história, sociologia, filosofia, geografia, etc. Assim como, teatro também pode ser festa. O público do EMEF Professor Mario Marques foi bastante participativo, sobretudo nos bailes; contou com a presença de jovens e adultos, por sinal, alunos do EJA.

****Outubro****

No dia 05/10/2017 iniciaram-se os ensaios de A Olaria do Jackson do Pandeiro.

No dia 07/10/2017, a CTI apresentou-se em uma praça próxima à estação Perus da CPTM com a peça “A Casa de Farinha do Gonzagão” A concentração e os preparativos ocorreram na sede do coletivo parceiro Quilombaque, situada naquelas imediações. Apesar do clima frio e chuvoso, o público contou com uma média de 55 pessoas.

No dia 08/10/2017, foi a vez do Jd. Santo Elias, Pirituba (Z/O) receber “A Casa de Farinha do Gonzagão”. Os preparativos foram feitos na casa de uma moradora da comunidade. A apresentação aconteceu em uma praça que parecer estar no centro e, ao mesmo tempo, na entrada da comunidade. Um ponto de convergência entre pequenos comércios (bares, mercados, mercearias, quitandas, banca de frutas, lojas) e moradias. O local por sinal é um ponto de encontro dos moradores, um lugar de laser, onde os adultos conversam, jogam, bebem e ouvem música; ao mesmo tempo é um lugar onde as crianças brincam com suas bicicletas, correm, jogam bola. Com

o auxílio dos moradores, o espaço foi reorganizado para que a peça aconteça. Veículos foram realocados. Algumas pessoas continuaram fazendo o que costumavam fazer aos finais de semana, no entanto, muitas pararam e assistiram a peça, participaram do baile. A presença de crianças foi bastante marcante, assim como, sua curiosidade em relação aos cordéis, aos objetos de exposição, e aos instrumentos musicais (sobretudo à sanfona).

No dia 14/10/2017, a CTI esteve na Ocupação 9 de Julho com "A Casa de Farinha do Gonzagão", uma ocupação situada no centro da cidade, encabeçada por famílias de trabalhadores que lutam pelo direito à moradia. Os preparativos foram feitos na cozinha coletiva dos moradores. No público, uma presença significativa de mulheres e crianças. Dentre as famílias havia também um número considerável de imigrantes de diferentes países da África.

No dia 19/10/2017, a apresentação de "A Casa de Farinha do Gonzagão" foi no Cieja Sapopemba (Z/L). Contou com a presença de um público de jovens e adultos, bastante participativo nos bailes.

No dia 20/10/2017, a CTI esteve no EMEF M'Boi Mirim I (Z/S) com "A Casa de Farinha do Gonzagão". Apresentou o espetáculo duas vezes para garantir a participação das diferentes turmas da escola.

No dia 22/10/2017 foi a vez de Engenheiro Marsilac (Z/S) receber "A Casa de Farinha do Gonzagão". A apresentação estava prevista para acontecer em uma praça, porém, devido à chuva, foi transferida para um colégio nas proximidades, a E.E. Regina Mirante Brant de Carvalho. Contou com a presença de pouco mais de 30 pessoas, a maioria jovens e crianças.

****Novembro****

Muitas tarefas neste mês. Nas duas semanas, uma intensificação das tarefas de manutenção da sede, e ensaios de A Olaria do Jackson do Pandeiro.

Dia 05/11/2017, apresentação de A Casa de Farinha do Gonzagão na sede dos parceiros da EmCena Cia de Teatro, na Vila Sônia (Z/O). O preparo da peça, assim como sua apresentação ocorreram nas dependências da sede, devido à chuva. Público com pouco mais de 30 pessoas.

Na segunda semana do mês a CTI promoveu em sua sede a primeira programação aberta ao público, de 10 a 12 de novembro de 2017.

No dia 10, a CTI recebeu em sua sede a professora e pesquisadora da PUC-MG, Vânia de Fátima Noronha Alves, com a finalidade de realizar uma atividade de formação. A professora Vânia estuda os festejos populares, com o foco nas manifestações afrocatólicas em Minas Gerais. Foi um encontro bastante enriquecedor para a Companhia, sobretudo no que diz respeito à investigação da festa como forma de expressão popular. A CTI aproveitou a ocasião para apresentar algumas cenas da Feira de Chico, Gonzaga e Jackson.

No dia 11/11/2017 teve rodo de capoeira com o grupo infantil Tribo Mirim, cortejo de música e dança afro com o Bloco Afro Afirmativo Ilu Inã, shows da dupla de MPB Dona Flor do Dona Flor, e do Forró di Muié.

O dia 12/11/2017 foi dedicado às apresentações cênicas com os grupos: O Castelo das Artes

****Dezembro****

Dia 02/12/2017, ensaio aberto com a presença de membros do Centro Cultural Benjamin Peret.

Dia 03/12/2017, duas apresentações: outra vez no EmCena Cia de Teatro (Z/O); e no Centro Cultural Santo Amaro.

Dias 9 e 10/12/2017 a Companhia voltou no Centro Cultural Santo Amaro com A Casa de Farinha do Gonzagão.

Do dia 13 ao 17/12/2017, a CTI realizou em sua sede outra programação aberta ao público com apresentações cênicas e musicais. A programação foi aberta no dia 13 com A Casa de Farinha do Gonzagão e fechada no dia 17 com A Olaria do Jackson do Pandeiro. Apresentaram-se também: Cia os Inventivos, Amarelo Cia de Teatro e o grupo musical Vila Reggae.

****Janeiro****

No dia 21/01/2018, a CTI recebeu em sua sede a Mestre Gislaine, que lidera a Congada de Santa Efigênia (Mogi das Cruzes/SP). A atividade envolveu uma roda de conversa com a líder do grupo, e uma apresentação musical e performática.

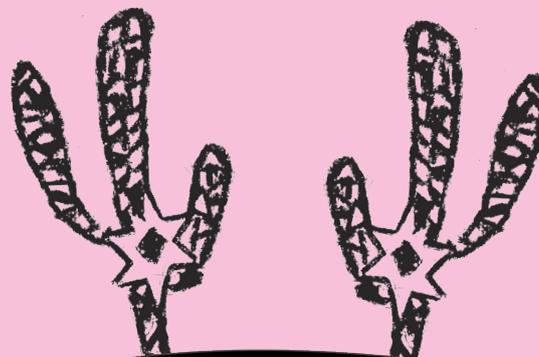
de São Sebastião; Vice e Versa de Registro; Teatro Miniaturas Intervenção com Ciclistas Bonequeiros. A CTI fechou a programação com sua A Casa de Farinha do Gonzagão.

No dia 18/11/2017 a CTI voltou na Okupação Cultural C.O.R.A.G.E.M (Z/L), agora com A Olaria do Jackson do Pandeiro.

Dia 24/11/2017, ensaio aberto de "A Olaria do Jackson do Pandeiro" na sede da CTI, que recebeu alunos do EMEF Professor Carlos Pascholi.

No dia 25/11/2017, a Companhia voltou no Jd. Sto Elias (Z/O) com "A Olaria do Jackson do Pandeiro". Um senhor que não possuía alfabetização, mas amava literatura de cordel pediu para seu filho ler alguns cordéis do acervo da CTI para ele.

No dia 26/11/2017, voltou na Refinaria Teatral (Z/N) com "A Olaria do Jackson do Pandeiro", desta vez a peça aconteceu na rua. Os próprios moradores se encarregaram voluntariamente em auxiliar na reorganização do espaço para que a peça ocorresse.





O SERTÃO É O NARRADOR

por Gabriel dos Santos Rocha

O sertão nos narra histórias de vida e de morte. De vida apesar da morte. De fé que não move montanhas, mas move mulheres e homens na luta cotidiana contra as adversidades que lhes são impostas. Contra as mazelas que podem os reduzir a pó, e são algo muito além da falta de chuva, do riacho barrento que seca a cada segundo; do solo esgotado, seco e rachado; do ar poeirento; do Sol queimando tudo o que encontra; dos animais definhando – “da vaquinha no couro e no osso” como cantou Gonzaga; da plantação que não vinga. “O dinheiro é pouco, e a fome é muita”, observou Zefa, personagem da Casa de Farinha do Gonzagão. A situação é essa, e não foi Deus quem quis assim (diferente da cegueira de Rosi-

nha). A culpa não é de São Pedro que não mandou a chuva. Se o feijão não deu uma cozinhada sequer, se não teve arroz, nem milho, se o algodão deu apenas uns capuchos de nada que não tapam nem os buracos dos ouvidos, a culpa não é de Reimundo que não rezou direito.

O sertão nos narra histórias, e o canto de acauã é a sua lira. A aridez do social erige-se diante de nós, tenta nos esmagar e nos engolir. Os principais problemas que o sertanejo enfrenta são aqueles criados pela própria ação humana. A ação de humanos contra humanos, a criação de um mundo em que poucos têm muito, e muitos têm quase nada. O ser humano tornou-se seu próprio algoz. Explorador do mundo, e sobretudo de sua própria espécie. A aridez do social erige-se como obra, produto humano, “coisa dos homens”. Reminiscências do escravismo



A Casa de Farinha do Gonzagão - Perú - 2017 - Fotos: Aline Capobianco

persistem não por acaso: a grande propriedade rural (o latifúndio), a exploração do trabalho alheio, o controle dos recursos de vida nas mãos de poucos, a escassez gerada pela abundância. Escassez para muitos, abundância para poucos. O sertão nos narra histórias, e ele próprio é um fato histórico.

Na Casa de Farinha do Gonzagão, o sertão é muito mais do que uma sub-região do nordeste brasileiro. O sertão é o narrador. Nos conta muito ou quase tudo, de quem tem pouco ou quase nada. Histórias de pessoas que - cada qual à sua maneira - buscam saída para o problema da escassez abundante; que buscam vida para além da sobrevivência, seja permanecendo na terra natal, seja saindo no primeiro ou no último pau-de-arara, mas sempre lutando.

O sertão nos narra histórias de pessoas que têm fé na vida para além da morte. Mulheres e homens que convivem com a morte. Pessoas que sobretudo, e apesar de tudo, sobrevivem e dão vida à este nosso mundo moribundo. Dão vida na medida em que sobrevivem (ou morrem), alimentam na medida em que passam fome, enriquecem na medida em que são empobrecidos. A produção do alimento ocorre no mesmo cenário em que se produz a “geografia da fome” (como nos ensinou Josué de Castro), e a fome de muitos alimenta o luxo de poucos. Para o sertanejo que, como disse Euclides da Cunha, “é antes de tudo, um forte”, viver é pelear. O sertanejo é protagonista de histórias de lutas e lutos. Histórias escritas por ele mesmo, por sua própria pena – a duras penas –, à enxada, foice e facão. Histórias escritas pelo sertanejo e narradas pelo sertão.



A CTI CIA. TEATRO DA INVESTIGAÇÃO INAUGURA SEDE NA ZONA LESTE DE SÃO PAULO

Nos dias 10, 11 e 12 de novembro, a CTI Cia. Teatro da Investigação completa 14 anos de estrada e comemora com a abertura de um espaço cultural na Zona Leste de São Paulo. Construída à muitas mãos a Sede CTI abrigará as atividades da Cia, assim como receberá grupos parceiros e artistas convidados. **Grátis!**

A inauguração contará com apresentações artísticas dos grupos: Ciclistas Bonequeiros, Bloco Afro Afirmativo Ilu Inã, Forró de Muiê, Tribo Mirim, Castelo das Artes, Vice Versa Grupo de Teatro, Dona Flor e a CTI Cia. Teatro da Investigação com a apresentação da peça A Casa de Farinha do Gonzagão e uma roda de conversa com Vânia de Fátima Noronha Alves e festeiros da cultura Popular.

O espaço abrigará o Memorial Chico, Gonzaga e Jackson, uma homenagem a Chico de Assis, grande dramaturgo Brasileiro que apadrinhou e orientou o grupo no início da pesquisa do Teatro-Baile e Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro artistas da cultura brasileira e que são pontos de partida para pesquisa do grupo.

A Sede CTI será um espaço para criação, aprimoramento e apresentações, um sonho antigo do grupo já que realizam encontros nos mais diversos cantos da cidade de São Paulo. Um lugar de dar parada, criar um ninho e receber as pessoas com carinho. É um galpão aberto com uma casinha na frente, ali na Vila Ré Zona Leste da cidade, que aos poucos vai ganhando cor e vida. Agora só falta você. **Vem!!!**

* AGENDA DE INAUGURAÇÃO DA SEDE CTI *

10 DE NOVEMBRO, SEXTA-FEIRA

19:00 Roda de Conversa com Vânia de Fátima Noronha Alves e festeiros da cultura Popular

11 DE NOVEMBRO, SÁBADO

14:00 Roda de Capoeira com grupo infantil Tribo Mirim.

18:00 Cortejo com o Bloco Afro Afirmativo Ilu Inã.

20:00 Show Dona Flor da Dona Flor.

21:00 Forró de Muiê.

LOCAL: SEDE CTI

Rua Oti, 212 - Vila Ré - Zona Leste
Próximo ao Metrô Patriarca
200 lugares

12 DE NOVEMBRO, DOMINGO

13h00 Peça Mitos e Lendas com o grupo O Castelo das Artes de São Sebastião

14h00 Peça Maria Peregrina com Grupo Vice e Versa de Registro

16h00 Teatro em miniaturas da Intervenção Ciclistas Bonequeiros

17h00 Peça A Casa de Farinha do Gonzagão da CTI - Cia. Teatro da Investigação

*** TODAS AS APRESENTAÇÕES SÃO GRATUITAS ***



Parceiros:



TRIBO MIRIM

Roda de Capoeira e Maculelê

A Tribo Mirim é um projeto social desenvolvido na comunidade Bica de Pedra zona oeste da cidade de São Paulo, coordenado pela Tribo Bahia, grupo de capoeira que teve origem em Itacaré. Na Tribo Mirim as crianças aprendem a jogar capoeira a tocar instrumentos e algumas manifestações culturais vertentes das capoeira como a puxada de rede e o Maculelê



Tribo Mirim - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



Tribo Mirim - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



Tribo Mirim - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



O **Bloco Afro Afirmativo Ilu Inã** é uma criação de Fernando Alabê, presidente, mestre de bateria, compositor e de Fefê Camilo, vice-presidente diretora, produtora, administradora/financeira, percussionista que realiza seu cortejo carnavalesco sempre na segunda feira da semana que antecede o Carnaval.

Ilu Inã representa um **ESTADO DE INTENÇÃO** em fazer abrir cada vez mais caminhos e possibilidades ao povo negro.

Com a força e também a alegria do dono dos caminhos buscamos colorir de vermelho, negro, amarelo e branco o asfalto de São Paulo.

Vermelho de axé, negro da pele, amarelo de nossa riqueza e branco de nossa busca de paz com consciência e pulso, movimentos voz.

ILU INÃ, Bloco Afro Afirmativo paulistano que visa o reencontro cultural de nossas matrizes africanas com a população afrodescendente de São Paulo através da expressão pela dança dos arquétipos dos orixás e pela

musica reimpressa na forma urbana, oriunda dos terreiros de candomblé, que em cortejo e diversificada em timbres e propostas rítmicas ganha o paço somando-se aos movimentos dos quais se emana, vindos do coro dançante.

ILÚ INÃ é um **BLOCO AFIRMATIVO** que simboliza a abertura de caminhos para o **POVO NEGRO**.

Tomar o paço centro-oeste da capital paulista com a marcação dos surdos e a dobra dos movimentos de seus integrantes dispostos a elevar o canto negro, sendo ouvido aos público geral e sendo cantado pelos autores reais.

Inspirado nos blocos afro baianos e demais cortejos percussivos coreográficos afro-brasileiros, o Bloco Afro Afirmativo Ilu Inã propõe em suas saídas a cada fevereiro trazer arquétipos, mitos, simbologias, arte e cultura via musicalidade e corporeidades de matriz africanas calcadas nas pertencas yorubá-nagô, o **Bloco Afro Afirmativo Ilu Inã**, trás a síntese urbana dos tambores, cantos e movimentos ancestrais, reimpressa no contemporâneo.



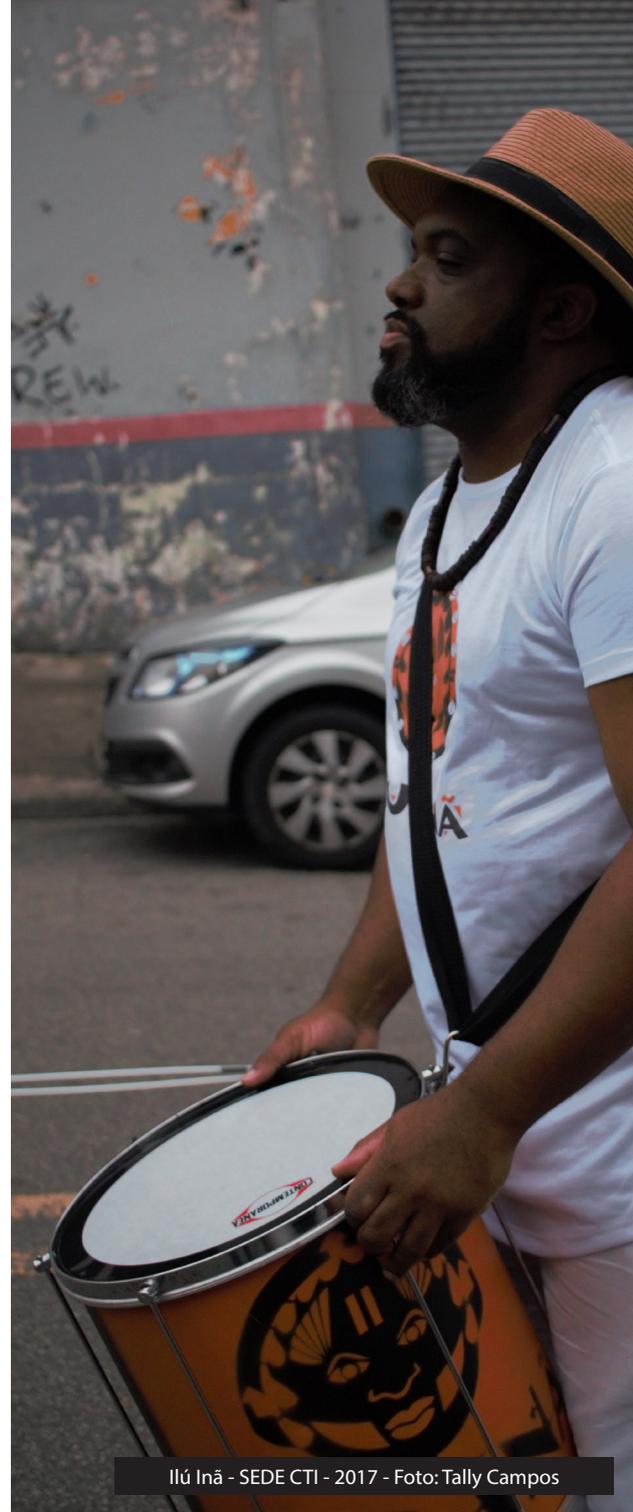
Ilú Inã - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



Ilú Inã - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



Ilú Inã - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



Ilú Inã - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos

FORRÓ DI MUIÉ

O **Forró di Muié** nasceu das experimentações sobre um gênero: o forró em suas muitas formas, seus gêneros parentes próximos e distantes: samba, semba, cumbia, salsa, chorinho e muitos outros. A partir do tema do Forró, transmutações são feitas. Os arranjos reinventam canções de hoje e de ontem, trazendo novos ares. Seu repertório vem desde músicas autorais até artistas consagrados e contemporâneos como Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro entre outros. Por trazer o forró nos arranjos e mesclar o tradicional aos mais diversos repertórios, Forró di Muié abarca não somente o público fiel forrozeiro, mas também todos os apreciadores de uma boa celebração.





DONA flor

A **Dona Flor** surgiu em 2003, em Araraquara, cidade do interior paulista. Alessandra Cintra, Adilson Fernando Franzin e Dado Mendes (ex-integrante do grupo) eram alunos da mesma sala do curso de Letras da Unesp. Tão logo, a paixão pela poesia e pela literatura também foi devotada à música, em agitados saraus pela cidade. Da ambiência universitária, a Dona Flor começou a circular na noite paulista e em inúmeros festivais. O pocket-show que será apresentado na inauguração da Sede CTI contará com canções autorais e releituras de músicas brasileiras.





Mitos e Lendas - O Castelo das Artes - SEDE CTI - 2017 - Foto: Geovane Fermac

CIA . TEATRAL O CASTELO DAS ARTES

A **Cia. O Castelo das Artes** é voltada para atividades culturais e artísticas. Seus trabalhos teatrais tiveram início em 2004, se aprofundando mais tarde com a arte circense, contamos com o Núcleo “Caiçaras: O povo do mar”, que desde 2006 desenvolve pesquisa e promove ações voltadas para a valorização e difusão da cultura tradicional e popular caiçara, entre seus trabalhos destaca-se peça “Mitos e Lendas”, a performance “O Pescador”, o trabalho a partir de depoimentos dos caiçaras e mostra a transformação que ocorreu na região do Litoral Paulista, as peça “O dia que eu peguei o lobisomem” e recentemente o espetáculo “As Aventuras e Desventuras de Maria Malazarte Durante a Construção da Grande Pirâmide” texto do mestre Chico de Assis. Em 2017 o grupo teve orientação artística de Edu Brisa através do projeto Qualificação em artes Ademar Guerra.

GRUPO DE TEATRO VICE E VERSA

Fundado pela atriz Roni Márcia Morais, inicia suas atividades em Janeiro de 2013. Isso se deu pelo desejo de algumas pessoas em se organizarem, unindo forças, e irem para o palco, participar efetivamente, do fazer cultural na área da arte cênica.

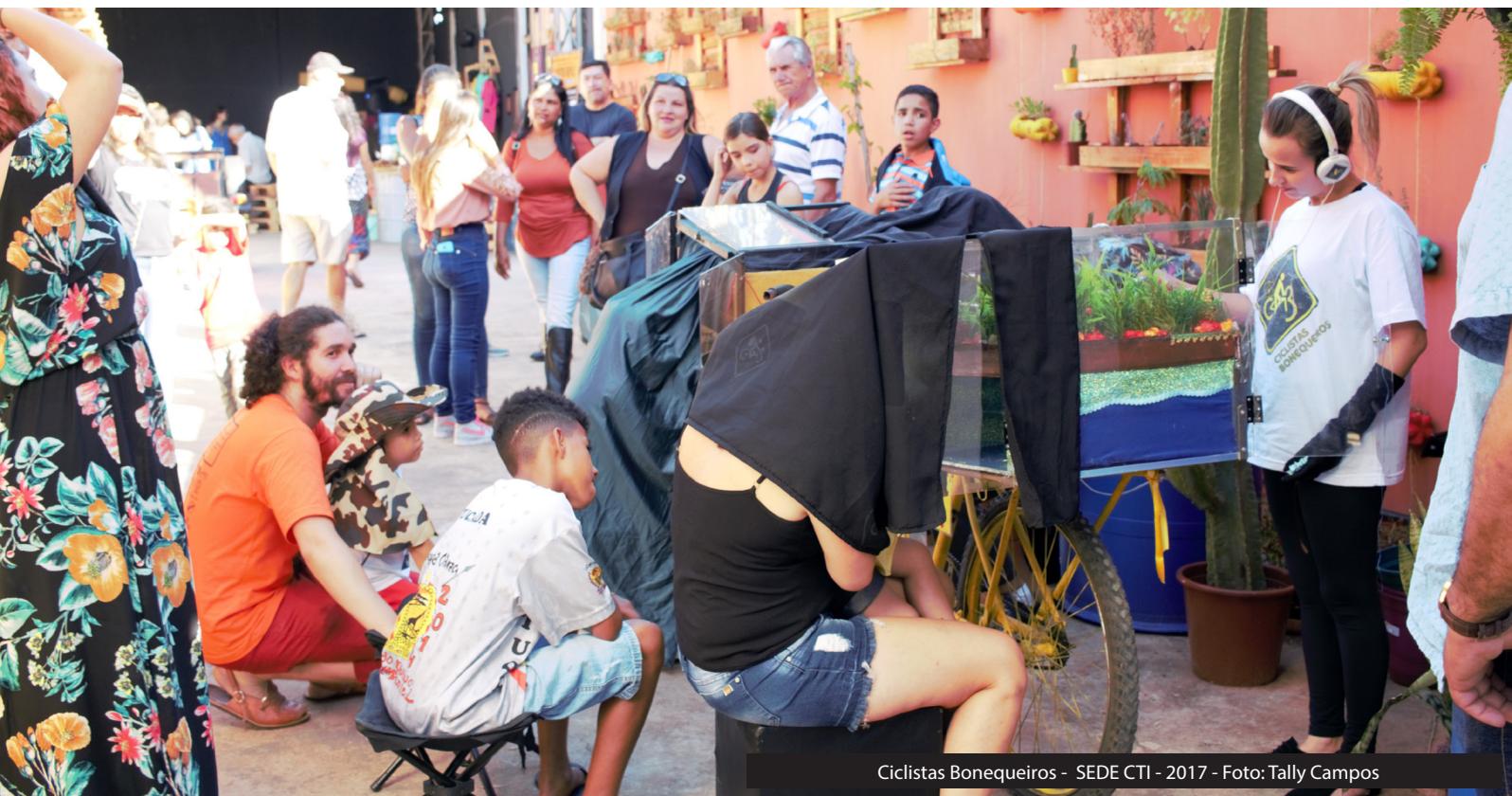
Estamos em desenvolvimento e nos fortalecendo enquanto grupo. Temos a necessidade de compreensão maior e melhor do nosso espaço na região, onde atuamos. Para isso, ainda se faz necessário compreensão individual de estar e fazer parte de um grupo de teatro e trabalhar de forma equilibrada da distribuição de responsabilidades no processo de criação, tanto artístico quanto técnico - diz Roni.

Atualmente o grupo circula com o espetáculo **MARIA PEREGRINA** que é fruto de provocações da orientação artística do projeto Ademar Guerra. Tivemos a honra de fazer uma apresentação na inauguração na Sede CTI do Teatro-Baile no qual nos inspirou, ficamos ainda mais motivados e sensibilizados pela delicadeza do espaço. O que mais nos chamou a atenção é ver um grupo mais experiente e que continuam a sonhar um sonho sem ilusões, mas com muito trabalho e amor no que fazem - Completa Roni.



CICLISTAS BONEQUEIROS

Um miniteatro de bonecos sob a garupa de uma bicicleta.



Ciclistas Bonequeiros - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos

Com miniteatros, os **Ciclistas Bonequeiros** fazem apresentações contínuas de até cinco minutos para uma pessoa por vez. Com curtas histórias e cenários tanto por fora, despertando a curiosidade do espectador, quanto por dentro, apresentando um outro universo, o grupo segue a risca a frase: **Se “Maomé” não vai até o teatro, o teatro vai até “Maomé”**. Tais intervenções já foram realizadas em parques periféricos da cidade, avenida paulista, viaduto do chá e circularam pelo estado de São Paulo.



A Casa de Farinha do Gonzagão - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



A Casa de Farinha do Gonzagão - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



A Casa de Farinha do Gonzagão - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



A Casa de Farinha do Gonzagão - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



A Casa de Farinha do Gonzagão - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



A Casa de Farinha do Gonzagão - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos

Em **A Casa de Farinha do Gonzagão** a música de Luiz Gonzaga dá origem ao espetáculo, que é um híbrido de teatro, música, dança, culinária e o público, e escolheu o teatro popular como meio de comunicar suas reflexões, trazendo elementos da vivacidade do povo nordestino que se redimensiona na força e intensidade da poesia que pulsa na obra do Gonzagão.

Aquela do Teatro-Baile (r)existindo desde 2003
CIA. TEATRO DA INVESTIGAÇÃO

RODA DE CONVERSA COM VÂNIA DE NORONHA ALVES

Gabriel dos Santos Rocha

Como parte da investigação sobre a festa como forma de expressão popular, a CTI convidou Vânia de Noronha Alves, pesquisadora especialista em festejos populares para uma roda de conversa sobre o tema. Dentre os vários tópicos que foram discutidos, a pesquisadora falou sobre o espaço da ludicidade na vida social, e sua importância na formação das pessoas enquanto seres sociais. A ludicidade como espaço do prazer e da liberdade, enfatizando para o fato de que a liberdade impõe aos seus praticantes a responsabilidade.

Pensar a festa é pensar o lazer como prática cultural. Neste sentido, refletimos também sobre o lazer enquanto direito social, em oposição ao lazer enquanto privilégio. O primeiro é construído comunitariamente, de maneira em que todos participam desde os preparativos ao desfrute; é o lazer da comunhão, que agrega, cria uma rede de solidariedade. Já o segundo, o lazer como privilégio, carrega o elemento mercantil, é o lazer que envolve valor de uso e valor de troca (no sentido da economia política), o lazer como produto de consumo, que pode ser vendido e comprado, um lazer excludente.





Congada de Santa Efigênia - SEDE CTI - 2018 - Foto: Geovane Fermac

RODA DE CONVERSA COM **CONGADA DE SANTA EFIGÊNIA DE MOGI DAS CRUZES**

Gabriel dos Santos Rocha

Mestra Gislaine faz parte da quarta geração de congadeiros de sua família. Seu pai e seu avô também foram mestres congadeiros. Ela é a primeira mulher desta linhagem a se tornar mestra, que significa liderar a congada. Gislaine é mulher, negra e mestre congadeira sua caminhada é uma constante luta contra o machismo e o racismo.

Luta pelo reconhecimento da congada enquanto manifestação católica de matriz africana, enfrenta o racismo expresso no preconceito religioso de alguns setores da Igreja e da sociedade que desconsideram a congada como parte da religião católica. Luta pelo reconhecimento feminino na congada, pois, teve que enfrentar o machismo, também fortemente arraigado no ambiente desta manifestação tradicionalmente liderada por homens que não permitiam a presença de uma mulher no posto de liderança.

#SEDECTICASABERTA



A Casa de Farinha do Gonzagão - SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



Um Canto para Carolina - Cia dos Inventivos SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



Um Canto para Carolina - Cia dos Inventivos SEDE CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



Na Granja - Amarelo Cia. de Teatro - Sede CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



Na Granja - Amarelo Cia. de Teatro - Sede CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



A Olaria do Jackson do Pandeiro - Sede CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



A Olaria do Jackson do Pandeiro - Sede CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



Vila Reggae - Sede CTI - 2017 - Foto: Tally Campos



Vila Reggae - Sede CTI - 2017 - Foto: Tally Campos

#SEDECTICASABERTA

O Slam da Roça é um campeonato de poesias que acontece mensalmente, desde maio de 2016. E no dia 27 de Janeiro de 2018 teve a primeira edição do ano realizada na SEDE CTI. É uma co-realização da Associação Cultural CONPOEMA e do ativista cultural Beto Bellinati. No mesmo dia aconteceu o lançamento do livro ICEBERG do poeta e ator Beto Bellinati.

Slam da Roça - Sede CTI - 2018 - Foto: CONPOEMA



#SEDECTICASABERTA

Cora Pedras e Flores. A encenação teatral presta homenagem a Cora Coralina, poetisa goiana que, mesmo só publicando seu primeiro livro já na terceira idade, foi aclamada por Carlos Drummond de Andrade como “a pessoa mais importante de Goiás”. “Eu sou aquela mulher que fez a escalada da vida removendo pedras e plantando flores” é o verso que empresta título a este espetáculo baseado na biografia escrita pela sua filha, Vicência Brêtas Tahan. O elenco é composto por Cris Camilo e Josué Torres. Direção de Cláudia Savastano, dramaturgia de Mauro Hirdeles e iluminação de Celso Linck.



Cora Pedras e Flores - Sede CTI - 2018 - Foto: Edu Brisa



Ideal Capoeira - Sede CTI - 2018 - Foto: Edu Brisa

O CTI abriu sua sede para receber os alunos e mestres de capoeira da **IDEAL CAPOEIRA** para a realização do Batizado e Troca de Cordas



Cia. Corpocena - Sede CTI - 2018 - Foto: Edu Brisa

#poéticasderesistência propõe discutir a necessidade de se criar estratégias poético políticas de resistência à manipulação de imagens e discursos; às relações de consumo que se apoderaram da vida; à padronização das ações e o empobrecimento dos universos simbólicos que geram metáforas cada vez mais rasas e que reforçam os estereótipos nas relações sociais.

O QUE É TEATRO?

Por Bruna Burkert, núcleo crítico

A proposta desse grupo parece ser romper todos os paradigmas possíveis em relação a essa concepção pré-estabelecida.

Muito mais do que a quebra da quarta parede. O espetáculo "A feira de Chico Gonzaga e Jackson" brinca, principalmente, com a relação espacial entre elenco e plateia. Como resultado surgem olhares surpresos e muitos risos, ora tímidos das moças que são tiradas para dançar; ora curiosos dos que são convidados a circular por esse "palco".

O Cenário reproduz uma feira típica das cidades do sertão nordestino. Repleto de elementos, dos quais somos convidados a conhecer de perto. Em muitos momentos não se sabe se é teatro, se é visita ou é festa. Faltam definições, sobram impressões. Uma experiência artística teatral, que como poucas, tem o poder de acolher a plateia... artifício que funciona em espaços não convencionais e que fala muito bem com aquele expectador que é pego de surpresa; porém não decepciona os olhares ansiosos que conhecem o trabalho de pesquisa que antevê essa realização.

O grupo aposta no sentir. Em pouco mais do que cinquenta minutos todas as sensações são fortemente provocadas. Seja na riqueza de elementos visuais, na possibilidade auditiva, nos comes, bebes e até cachaça se pode provar!

Ao final, a impressão que se tem é que o espetáculo não para, eles apenas se vão... levando essa feira para outros cantos, cantando e contando Chico de Assis e Luiz Gonzaga a quem quiser e puder parar para ouvir... E nós, que já esquecemos que somos plateia, torcemos que eles não parem. A CTI, aquela do Teatro-Baile...

Cia. de Teatro da Investigação (desde 2003) (r)existimos pela identidade) apresenta:

TEATRO-BAILE

Uma poética em construção



CIRCULAÇÃO

A FEIRA DE

CHICO

GONZAGA

E JACKSON

SEDE CTI - Rua Otí, 212 - Vila Ré. Próx. Metrô Patriarca

Dias 01 e 02/03 - 20hs; Dia 03/03 - 16hs

Este Projeto foi contemplado pela 30ª edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo



APOIO



REALIZAÇÃO



Cartaz A feira de Chico, Gonzaga e Jackson - 2018 - Arte: Luis Felipe Macalé

UM PALCO NO PONTO FINAL DE ÔNIBUS DO JARDIM IBIRAPUERA

por Beá Lima

É dia de sábado, as ruas estão tomadas por aglomerados de gente. É que além de sábado, é feriado e o tempo que escorre precisa ser aproveitado no dia que é permitido deixar o trabalho de lado. Tem gente que descansa, tem gente que não pode se dar ao luxo.

Já são 15h23, eu tô saindo do Terminal Santo Amaro, junto comigo tem pai e filho, tem bêbado pedindo uns trocados, tem motorista puto da vida, tem vendedor de bala de mel, tem mulher voltando do serviço fazendo a própria unha no balanço do busão, tem novinha rumo ao jet, tem minhas perguntas, de curva em curva, pro cobrador: “será que já passou do ponto?”

Eu não conheço o Jardim Ibirapuera, só me dou conta que fiz o caminho certo quando um congestionamento sem explicação para a rua estreita que descemos e o som dos atabaques invade o ônibus. O cobrador grita: “ô moça, acho que é esse aí o seu ponto”. Desço e dou de cara com o rolê, o ponto de ônibus é na curva da rua, o espaço está tomado por gente cantando pra Oya.

Ali devoto de Padim Ciço divide a calçada com o povo de santo. É o nordeste do CTI e a batucada do Bloco do Beco resgatando o fundamento que deu origem às periferias de São Paulo. No público tem de tudo: sorrisos orgulhosos, olhares curiosos e risadinhas debochadas. Nem todo mundo se reconhece nas roupas de vaqueiro ou no rendado das saias da baiana que regia a curimba.

A feira de Chico, Gonzaga e Jackson ainda não tomou forma. Integrantes da Companhia de Teatro Investigativo se revezam entre descar-

regar o cenário, vestir o figurino e curtir a apresentação dos anfitriões do dia.

Não demora e o bloco se despede da platéia, mas seus batuqueiros voltam ao palco - que é calçada e a calçada que é palco -, com cadeiras e disposição para ajudar na montagem do teatro de rua. Pouco antes de escurecer a trupe da CTI vai entrando em cena devagarinho. Um por um se benzendo em frente a um altar que guarda a imagem de Chico de Assis, Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro.

Se no primeiro esquete o público se contém nas cadeiras e deixa a história de Maria levar a imaginação pro sertão brasileiro, no segundo a entrega ao presente é total. A interação com o ali e o agora faz o jogo de cenas acontecer. A feira é o momento em que o público deixa de ser platéia vai ao centro da cena e se lambuzar de corpo e alma.

Pode pegar o cordel, mexer nos discos de entoada, comer paçoca, tomar Kariri com mel, tirar foto com bode, se benzer com alfazema, tomar a história de Chico, Gonzaga e Jackson nas mãos, dançar forró, se encontrar com memórias antigas, conhecer sabores, sons e objetos novos. Criar e recontar histórias.

A feira que é baile e é também teatro mistura gentes num ritual que traz a tona a diversidade da cultura brasileira e vive a arte no seu lugar mais natural: a rua, a quebrada com todas as contradições, vivências e pluralidades.

* * *



A Feira de Chico, Gonzaga e Jackson - CTI - Marsilac - 2018 - Foto: Gustavo Guimarães

* * *



A Feira de Chico, Gonzaga e Jackson - CTI - CURITIBA - PR- 2018 - Foto: Gustavo Guimarães

A ARTE DE CIRCULAR

por Harry de Castro

Diante das ideias.
Diante dos poetas.
Diante de suas obras.

Foi-se realizados espetáculos onde reverenciamos:
Chico de Assis, Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro.
Homens de muita sabedoria popular, coi-

sa essa que a nós da Cia. Teatro da Investigação a CTI, nos é muito valioso. Lá pra cá levamos esses mestres a lugares distantes do centro da capital de São Paulo.

Nossa fortaleza artística é arrastar nossos espetáculos por aí em nossa famigerada Saravan. Ela aparece toda enfeitada.

É a forma que todos sabem da nossa chegada. Assim dá-se o sinal de que vamos acariciar os nossos da maneira mais lúdica e cheia de senti-

mento desses três poetas.

O organizar o espaço é também a forma de darmos continuidade a ludicidade do que virá pela frente. Nosso bode se torna a atração principal, é ele o nosso cartão de visita, as crianças já o tomam pra si com toda alegria que nelas existe. Vem a troca de figurino e em seguida nossa preparação para entrar em cena.

Isso faz com que o público fique cheio de esperança de que...

“Vem aí um bando que vai nos dar alegria!”

Durante uma hora, uma hora essa alegria reina. Entramos em cena, as luzes são o raio do sol (às vezes nem tão sol assim), o sorriso do público é nossa ribalta, as palmas são o nosso ritmo pulando em nossos corações.

Seja em Marsilac,
Seja em Perus,
Seja em José Bonifácio,
Seja em Pirituba,
Seja na Vila Sônia,
Seja na Vila Aurora ou
Seja no Parque São Rafael a magia acontece.

Assim também é com nossos amigos-irmãos que se vestem de suas obras e elevam a cultura popular aos nossos.

E com isso, nós da CTI tornamo-nos público para entrar no jogo dos nossos parceiros nessa estrada:

Ciclistas que Bonecam,
Vila que Sossegam,
Rosas que Perifericasam,

Flor que Asphaltam,
Trupe que Liudisam,
Encena que encenam e
Refinaria que Teatralizam.

Das irmandades nascidas a Arte se fez vivida e fortificada em cada canto dessa cidade.

Em meses nos tornamos regadores para a Arte se proliferar nesses lugares todos.

É rico,
É cheio de amor,
É cheio de prazer,
É de emocionar.

Essas obras não morrem e nem hão de matar. Arte é para ser vivida, e que seja vivida em cada lugar onde possamos levar.

Eu circulei,
Nós circulamos,
Demos nosso sangue
E esse sangue circulou,
O circulo se artificou
E a Arte tem sempre que circular.

Salve!

Axé!

CIA. TEATRO DA INVESTIGAÇÃO (DESDE 2003 (R)EXISTIMOS PELA IDENTIDADE) APRESENTA:

TEATRO-BAILE
Uma Poética em Construção

I MOSTRA TEATRO EM TRÂNSITO

Arte: Luiz Felipe Macalé



**TEATRO É SANGUE
E PRECISA CIRCULAR**

ESTE PROJETO FOI CONTEMPLADO PELA
30ª EDIÇÃO DO PROGRAMA MUNICIPAL
DE FOMENTO AO TEATRO PARA A
CIDADE DE SÃO PAULO

**DANDO INÍCIO ÀS COMEMORAÇÕES DOS QUINZE ANOS DE TRAJETÓRIA DA CTI
DE 02 DE JUNHO A 01 DE JULHO DE 2018 - LOCAL: SEDE CTI - ZONA LESTE DE SP
RUA OTI, 212 VILA RÉ (PRÓXIMO AO METRÔ PATRIARCA)**

GRATUITO

PROGRAMAÇÃO

SÁBADO - 02/06
(FESTA DE QUINZE ANOS DA CTI)
ÀS 20HS (TEATRO-BAILE)
A CASA DE FARINHA DO
GONZAGÃO
CTI - CIA. TEATRO
DA INVESTIGAÇÃO
ÀS 21H30 (MÚSICA)
TRIO MARRON
DOMINGO 03/06
ÀS 16H00 (MÚSICA E POESIA)
SERTÃO PERIFA
BANDA VILA DO SOSSEGO
ÀS 18H00 (RODA DE CONVERSA)
O FORRÓ E A BRASA DOS FESTEJOS
JUNINOS C/ ZE GERALDO
- PROJETO ESPALHA A BRASA

SÁBADO 09/06
ÀS 19H00 (TEATRO)
VIDAS SECAS
CIA. DE TEATRO
FLOR DO ASFALTO
ÀS 20H00 (INTERVENÇÃO -
A HISTÓRIA DA TAPIOCA)
TRICICLO CULINÁRIO
GRUPO CICLISTAS
BONEQUEIROS
DOMINGO 10/06
ÀS 16H00 (TEATRO INFANTIL)
RÁDIO POPULAR DA CRIANÇA
GRUPO ROSAS PERIFÉRICAS

SEXTA 15/06
ÀS 20H00
(DEMONSTRAÇÃO TÉCNICA)
PRISÃO PARA A LIBERDADE
CARLOS SIMIONI
DO LUME TEATRO
ÀS 21H00 (MÚSICA)
BANDA DONA CRÓ
SÁBADO 16/06
ÀS 20H00 (TEATRO) JINGOBEL
CIA. ENCENA DE TEATRO
DOMINGO 17/06
ÀS 16H00 (TEATRO INFANTIL)
MJIBA - A BONECA GUERREIRA
CIA. TRUPE LIUDS

SÁBADO 30/06
ÀS 20H00 (TEATRO)
PEREGRINAÇÃO
GRUPO REFINARIA
TEATRAL
DOMINGO 01/07
ÀS 16H00 (TEATRO
INFANTIL)
UM CANTO PARA
CAROLINA
CIA. DOS INVENTIVOS
ÀS 18H00 (MÚSICA)
VILA REGGAE

TODOS OS DIAS TEREMOS COMIDAS E BEBIDAS TÍPICAS DOS FESTEJOS JUNINOS. VEM!

APOIO



Abre-se um novo ciclo, o que propulsiona é o ciclo que passou.

Seguimos sonhando e “avando” juntos, construindo novas narrativas para as nossas vidas, para nossa arte, para o nosso caminhar!

Com a certeza de que o nosso melhor ainda está por vir, olhamos pra frente sem esquecer o caminho que percorremos até aqui. Realizamos a I MOSTRA TEATRO EM TRÂNSITO que fortaleceu as parcerias dessa nossa caminhada. Esse chão todo de arte que sustentou nossos passos, desses dois meses de Mostra, só se fez possível porque não andamos sozinhos, somos uma Revoada!

Abrimos esse espaço aqui para agradecer e “re-afirmar” nossa parceria.

Um salve a cada artista, a cada grupo artístico que participou da I MOSTRA TEATRO EM TRÂNSITO, a cada comunidade que recebeu os trabalhos e a cada um dos públicos que conosco fizeram essa grande Festa!

Salve!!

Realizamos a Mostra e praticamos o que é a essência do nosso projeto: Teatro é Sangue e Precisa Circular!

A I Mostra Teatro Em Trânsito realizada nos meses de Junho e Julho proporcionou uma vivência muito rica tanto para os artistas quanto para o público que pôde receber obras artísticas das mais variadas linguagens.

Foi um momento de muitas alegrias e trocas, pois em meio ao caos de produzir a mostra, pudemos trocar muito com os grupos parceiros, falar de modo de produção, falar sobre sonhos, sobre nossas preocupações e sobre teatro, podemos afirmar que o teatro existiu em sua plenitude, não apenas na hora que os espetáculos começavam, mas antes e depois teve afeto e acreditamos que afeto é essencial para que a mágica do teatro aconteça.

A I Mostra em Trânsito foi pensada com base em um dos principais ingredientes do grupo e essência primeira do Projeto Teatro-Baile, uma poética em construção. [Teatro é Sangue e Precisa Circular]

que é circular. Grande parte da pesquisa da troupe é disparada a partir do encontro com o público e das relações estabelecidas. Queríamos ampliar essa troca com o público, levar outras poéticas, outros trabalhos a fim de circular ainda mais o sangue que é o Teatro. Os grupos parceiros que participaram, não foram escolhidos pelos trabalhos que apresentaram, mas pelas suas histórias e potencialidades enquanto coletivos. Cada grupo escolheu de forma autônoma o que apresentar.

Figura importante na realização da Mostra Teatro em Trânsito a **SARAVAN**, que é meio de transporte de gente, meio de transporte de cenário, é um estúdio móvel a **SARAWEB**, é uma cordelteca itinerante a **SARATECA**, não pode ser aqui esquecida, pois foi ela que em todos os dias de apresentações transportou os artistas com segurança de suas casas, ou teatros, até os locais das apresentações e vice-versa. Foram 2.064 quilômetros rodados para que fosse possível o acontecimento da Mostra.

Foi lindo!

Movimentou muita gente, muitos sonhos, e proporcionou acesso a muitas pessoas a um bem cultural de grande qualidade e de muita força artística!

E como parte da mostra tivemos a **SARAWEB** com uma série de entrevistas com os grupos parceiros participantes da I MOSTRA TEATRO EM TRÂNSITO no percurso de suas residências até os locais das apresentações. E você pode assistir tudo o que rolou em nosso site no link abaixo.



<https://www.teatrobaile.com/saraweb>

TRIO MARROM

Trio Marrom, autêntico forró de raiz, conhecido também como pé de serra, nasceu da junção de 3 professores da cultura nordestina, em 1983. O nome veio da vontade de solidificar esta cultura regional e assumir em definitivo as origens do baião.

O trio é conhecido no cenário musical brasileiro pela ótima harmonização, tradicional levada e também pelo fato de seus integrantes já terem tocado com grandes feras.

O Trio é composto, por Curisco na Zabumba, Zé Luiz na Sanfona e Café no triângulo



Trio Marrom - Foto: Divulgação Trio Marrom



Dona Crô - Sede CTI - 2018 - Foto: Edu Brisa

A **DONA CRÔ** retoma canções tradicionais do repertório nordestino com arranjos diferenciados de estética armorial. Misturando elementos de ritmos como maracatu, xote, coco e xaxado com o tradicional baião. Seu repertório atual é centrado em compositores como Luiz Gonzaga, Dominginhos, Sivuca e Hermeto Pascoal. Devido a grande importância desses compositores para a valorização e divulgação da música nordestina no sudeste do Brasil.



Vila do Sossego - Sede CTI - 2018 - Foto: Gustavo Guimarães

VILA DO SOSSEGO SERTÃO PERIFA

Formada pelos músicos, Claudiney Nonato (Voz e violão) Magno Duarte (voz e zabumba), Tarciso Cardoso (triângulo e voz), Chicaõ (Acordeon), Robson Rodrigues (Violino) a Banda Vila do Sossego vêm conquistando espaço no circuito do forró pé de serra, sobretudo por trazer em seu trabalho a busca da valorização da cultura nordestina na “cidade de pedra”. Em seu repertório a banda trás, além de canções próprias, sons populares de autores conhecidos como Alceu Valença, Luiz Gonzaga e Dominginhos.



Ciclistas Bonequeiros - Sede CTI - 2018 - Foto: Edu Brisa

A HISTÓRIA DA TAPIÓCA CICLISTAS BONEQUEIROS

O “Triciclo Culinário” faz uma viagem ao nordeste brasileiro apresentando o universo nordestino. O público não só aprenderá a fazer tapioca como também irá saber a história desse alimento típico

VIDAS SECAS CIA. FLOR DO ASFALTO

Fabiano e Sinhá Vitória seguem sua “sina” enfrentando a aridez do sertão nordestino em busca de um pedaço de chão que traga à eles dignidade e que abrigue os sonhos dos filhos. Durante a viagem, a seca, a fome e a desesperança são companheiras inseparáveis dessa família, assim como a cachorra Baleia e uma ave, não muito querida, mas muito paciente...



Cia. Flor do Asfalto - Sede CTI - 2018 - Foto: Gustavo Guimarães

RADIO POPULAR DA CRIANÇA GRUPO ROSAS PERIFÉRICAS

A RÁDIO POPULAR DA CRIANÇA tem dado o que falar! Os apresentadores Vidrilho, Metálicio e as repórteres Papelúcia e Plástiqueta comandam um programa recheado de diversão e conhecimento. Diversos quadros como Ecologia, Reciclagem e Consumo desfilam pela programação, que inclui música ao vivo, radionovela, previsão do tempo e entrevistas. Não deixe de sintonizar a Rádio Popular da Criança, no número 806,9!



Rosas Periféricas - Jd Santo Elias - 2018 - Foto: Gustavo Guimarães

PRISÃO PARA A LIBERDADE CARLOS SIMIONI – LUME TEATRO

Demonstração técnica com Carlos Simioni do Lume Teatro *Prisão para Liberdade*. O ator Carlos Simioni aborda a própria trajetória junto do Lume e revela que a técnica pode ser tanto uma prisão quanto um trampolim para o ator. Em sua demonstração técnica, Carlos Simioni fala sobre o percurso desde a fundação do Lume, em 1985.



Carlos Simioni - LUME - Sede CTI - 2018 - Foto: Gustavo Guimarães

J I N G O B E L

CIA ENCENA DE TEATRO

Sequestros; cativoiro com uma velha inválida; mulheres solitárias e desesperadas sob a mira de um revólver. Tudo isso na noite de Natal! Ao longo do espetáculo, as personagens estabelecem uma relação de amor e ódio, rejeição e amizade. Além de proporcionar boas risadas, decorrentes da situação absurda em que elas se encontram.



Cia. Encena de Teatro - Sede CTI - 2018 - Foto: Gustavo Guimarães



Refinaria Teatral - Sede CTI - 2018 - Foto: Gustavo Guimarães

PEREGRINAÇÃO

GRUPO REFINARIA TEATRAL

Se percebe uma figura ao fundo, uma figura humana, ela está se desfazendo. Com a água da vida ele começa a pulsar e entre dialéticas do ser rompe o tecido de véu que o cobre e nasce para o mundo. Tenta se descobrir, ir atrás de conhecimentos, mas algo a distrai e inicia um processo de condução. Estratégias de manipulação começam a moldar aquele ser e ele não percebe, ao contrário, acredita estar sobre controle da situação. No fim, o personagem se perde no tempo, que se escoia por completo. Dois caminhos se abrem, ele deve escolher por onde seguir? No final ele terá que decidir, mas a sua escolha já foi feita, já foi construída desde o início de sua trajetória, durante todo esse ritual, ele só não sabe disso.



MJIBA A BONECA GUERREIRA – CIA TRUPE LIUDS

O espetáculo conta a história de dois palhaços carteiros que ao se depararem com uma encomenda sem remetente, encontram algo totalmente inesperado na caixa. A partir dessa descoberta, apresentam e discutem de maneira lúdica os problemas enfrentados pelas mulheres negras na sociedade. O Espetáculo foi criado em homenagem às lutas das mulheres negras.

UM CANTO PARA CAROLINA CIA DOS INVENTIVOS

“Um Canto para Carolina” é um musical de rua infanto-juvenil Livremente inspirado na literatura-verdade “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus, feito para todas e todos, crianças e adultos, que desejam construir uma sociedade mais justa. Os irmãos João, José e Vera recebem de presente o primeiro exemplar da publicação do livro-diário “Quarto de despejo”, escrito por sua mãe, Carolina Maria de Jesus. Mergulhando no cotidiano registrado por ela, os filhos revivem suas histórias de luta por uma vida melhor.



Cia. dos Inventivos - Sede CTI - 2017 - Foto: Tally Campos

#CTINAREDE



www.teatrobaile.com



[instagram.com/teatrobaile](https://www.instagram.com/teatrobaile)



Vila Reggae - Sede CTI - 2017 - Foto: Tally Campos

VILA REGGAE

De São Paulo (SP) para o mundo, a VILA REGGAE é uma banda que sem dúvidas chegou para ficar de uma vez por todas nesse universo do reggae onde se mistura muito trabalho, dedicação e sonho, o sonho de viver de uma das artes mais espetaculares desse mundo, a música! Formada em Maio de 2005 a banda começou o trabalho tocando nos bares da Vila Ré Zona Leste de São Paulo com uma formação mais acústica e com um som mais parecido com forreggae, logo após mudando para a atual formação, vem buscando reconhecimento e espaço no cenário do reggae nacional. Lança em 2016 o CD "Lute Não desista" com 8 faixas inéditas de canções autorais.



<https://facebook.com/teatrobaile1/>

#TEATROBAILE

FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO

Cris Camilo

Era um dia frio, acho que nublado, segui as indicações do endereço. Perdida como sempre.

Vontade de chegar logo, curiosidade, emoção, nó na garganta. Tudo junto e misturado. Foram tantos anos de luta... dado início, em meados de 2003. Tanto trabalho árduo, de militância, de aprendizados, de derrotas e conquistas.

No processo foi preciso ressignificar o grupo, repensar escolhas e objetivos. Se encontrar, se perder para depois se encontrar de novo. Foi preciso entender e aceitar os ciclos que se abrem e se fecham e tirar das experiências vividas novos aprendizados.

Agora iniciava-se um novo ciclo. Tínhamos uma sede... **TÍNHAMOS UMA SEDE!!!!** E era verdade, não era sonho. Entrei pelo portão anestesiada. Sabe aquela sensação de que você está sonhando? Essa, exatamente essa!

Lembro de alguém perguntar como era o sentimento de finalmente ver materializado o nosso lugar, depois de tantos anos... Não conseguia responder. Não sabia dizer... era sonho... sonho não precisa de definição, de argumento... era só sensação. Sonho tornando-se realidade. Era alegria, êxtase, emoção, turbilhão.

Filme que passa na cabeça. Lembranças da passagem pela Unesp, Céu Perus, Centro Cultural São Paulo, Tendal da Lapa, USP, a casa de um ou outro, Parque Belém e tantos outros. Todos os lugares eram sede, eram CTI. Eram alegria e muito trabalho!!!

O Fomento ao Teatro veio fortalecer, porta que abre, reafirmação, lanterna, caminho, concretização de sonhos, abertura de horizontes, novas trilhas, novas aventuras por este mundão!

INÍCIO DOS TRABALHOS – VILA RÉ

Começo do processo, muito trabalho!! Tínhamos prazo. Primeiro deles, reavivar a “Casa de Farinha do Gonzagão”. Seguimos organizando a sede, percorrendo as comunidades com o espetáculo. Abertura da Cia Teatro da Investigação para a comunidade.

Estamos aqui. Venham!!! E esse dia foi um verdadeiro sonho... foi lindo e muito especial! Muitas crianças, comunidade presente, celebração, capoeira, estudo sobre a festa com Vânia Noronha. Energia e troca. Gratidão!

O entorno da Vila Ré apresenta-se muito carente em relação ao teatro e a arte em geral, então a escolha do lugar foi certa. As portas foram abertas para a curiosidade do público. Todos que passam olham, perguntam, questionam, se interessam e principalmente se sentem tocados a voltar.

Voltam para celebrar junto conosco e trazem os amigos, vizinhos, parentes. As pessoas pouco a pouco foram se acostumando com nossa presença. Ainda estamos em processo de formação de público, mas a primeira semente foi plantada e os frutos estão se multiplicando. Ganhando força. Virando estrelas.

Seguimos a trajetória percorrendo as comunidades com “A Feira de Chico, Gonzaga e Jackson”, “A Olaria do Jackson do Pandeiro” e finalmente nosso teatro bailinho, “Caruru”.

Cada comunidade uma troca diferente. Cada lugar um aprendizado, um estalo para novas ideias e uma comunhão com o público. Ter a oportunidade de dividir nossa arte com pessoas como a gente, que lutam, correm, batalham todos os dias para sobreviver nessa selva de pedra é algo impossível de descrever.

Nossa identidade está fundida com o público e o público está fundido com o trabalho. Comunhão perfeita, junção de sensações, de emoções em cada cena. O público não é simplesmente público. Ele é parte do espetáculo.

Quanta emoção em presenciar o público interferir e participar ativamente do espetáculo, se sentindo em casa, respeitado, representando, ativo. Alegria maior ainda em se tornar confidente dessas mesmas pessoas que, com lágrimas nos olhos, nos confidenciam histórias que uma cena fazia parte do seu imaginário, herança de sua vida ou de sua terra.

É exatamente esse público que nos cativa. Não nos interessa uma arte puramente contemplativa, pelo contrário, buscamos desde sempre o fazer junto, o dividir, o aprender, o descobrir, a alegria, a festa!

PROCESSO E DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS

A CTI desde sempre teve como foco a proposta de pesquisa e construção dos trabalhos que buscassem uma identificação com o público. Posteriormente encontramos na festa um meio eficaz de entrar em contato e se comunicar com o público, tornando essa construção mais prazerosa, fecunda e eficiente.

Tomando como base a cultura popular nordestina, buscamos uma aproximação e um aprofundamento com essa cultura tão enraizada em nossas origens e tão presente no dia a dia de nossa cidade.

A festa nos dá a oportunidade de investigar a celebração e o encontro com o público. Nosso processo de criação está ligado diretamente com esse público. É ele que nos fornece combustível para o aprimoramento e construção do trabalho.

Vamos para a rua buscar respostas e não com um produto acabado. Não é um processo de criação isolado, fechado, restrito. Pelo contrário. Dependemos dessa troca com o público, desse intercâmbio para encontrar as respostas as nossas dúvidas e questionamentos.

TREINAMENTOS E PARCERIAS

Ao longo dos anos fomos experimentando novos voos, buscando aprimoramento e novas descobertas para nossa arte e contamos para isso com parceiros como Cida Almeida, Fernando Alabê, Edinaldo Freire e Carlos Simioni.

Generosos, gentilmente dividiram conosco sua arte e o seu fazer. Foram momentos intensos e significativos.

Com Cida Almeida conhecemos um pouco mais sobre a arte das máscaras e tivemos a oportunidade de vivenciar sua direção através do nosso teatro Bailinho “Caruru”. Foram três meses de pesquisas e criações coletivas, experimentos, vivências. No final demos a luz a esse trabalho que ainda não está pronto, está em processo de maturação, de construção e desconstrução.

Já com Alabê trabalhamos percussão, ritmo. Como é cantar em cena, que sons são esses de cada personagem. Através de seu olhar atento e crítico fomos tendo a liberdade de ir angariando recursos e tendo liberdade e ousadia para ir a fundo nessas experiências musicais. O espetáculo “Caruru” foi regado a muitas descobertas musicais.

Carlos Simioni já era um antigo parceiro e veio novamente dividir conosco sua pesquisa de mais de 30 anos no grupo Lume e na Unicamp. Visitamos novamente as técnicas para ativar e ascender o corpo magnético, distribuir as forças, dosar as tensões. Técnicas preciosas que nos dão cada dia mais segurança no nosso fazer teatral.

Edinaldo Freire veio ao final para fechar os trabalhos da Olaria do Jackson do Pandeiro. Desenvolveu dois importantes treinamentos para auxiliar na construção final da “Olaria”. Teatro Épico e Teatro de Jornal. Nas construções diárias, às vezes, deixamos de perceber pequenas particularidades. Essas oficinas foram muito importantes para potencializar, reavivar e reascender o cuidado e a vigilância com o nosso trabalho.

Com A Olaria do Jackson do Pandeiro, fomos, ao longo dos anos vivenciando experiências de construção e desconstrução desse espetáculo tão peculiar. Para essa leitura partimos para uma identificação dos escombros da peça. Sobre tudo que foi estudado, vivenciado e experimentado durante o processo. Para essa empreitada contamos também com a parceria da cia “Flor do Asfalto”, jovem coletivo, nascido há um ano nas oficinas do Parque Raul Seixas. O trabalho construtivo foi pautado pela troca de experiências entre os grupos. Estamos em processo, descobrindo, redescobrimo, experimentando sempre e sempre.

ABERTURA PARA OUTROS PARCEIROS (CAPOEIRA / DANÇA / ETC)

Desde que as portas foram abertas o interesse pelo espaço por parte de outros grupos tem se intensificado. Já tivemos rodas de capoeira, espetáculos de dança. A parceria tem se apresentado com sucesso e cada dia surgem outros parceiros.



Treinamento com Ednaldo Freire - Fraternal - Sede CTI - 2018 - Foto: Gustavo Guimarães



Treinamento com Carlos Simioni - Lume Teatro - Sede CTI - 2018 - Foto: Gustavo Guimarães

UM TEXTO GUARDADO DE TEMPOS OUTROS.

Gustavo Guimarães Gonçalves

A primeira vez que vi o grupo em ação não foi na rua, nem no teatro: foi na internet. A transmissão ao vivo de uma das apresentações do grupo no vale do Anhangabaú. Força e raça eram coisas visíveis. O grupo, sem edital algum mostrava sua força. Aliás, sou apaixonado pela ideia de investigar o festejo, o baile, de trazer a identificação do nordeste. Fora perceptível desde o primeiro momento que vi esse vídeo uma busca em comum: descatractalizar. Ir até as pessoas permitindo a identificação e o acesso sem apresentar barreiras para a ação chamada teatro.

A maior surpresa foi quando o grupo procurou pela gente, querendo apresentar na comunidade que mais agimos: a do Jardim Piracuama. O grupo, querendo ou não tem uma missão: despertar um espelhamento no cidadão que assiste e participa dessa ação teatral que é interativa e provocadora.

Existe um ponto que precisa ser ressaltado: O teatro de arena vive mais nesses fazedores que em um momento conheceram Chico de Assis, do que no próprio espaço físico do teatro de arena. O teatro baile é uma tentativa que tem dado certo de levar uma plateia de trabalhadores e estudantes para a agora teatral. Temos essa busca em comum, pois o teatro não está morto, renasce a cada dia e se torna cada vez mais necessário em ruas e praças cada vez mais intituladas como espaços de violência.

Evoé, Saravá, Salve

Ponto de Cultura Casa Paulo Eiró / Cia Catraca do Riso de Circo e Teatro

O TEATRO É POPULAR. Sempre foi. E por vezes nos esquecemos deste detalhe importantíssimo. É muito fácil perceber o apelo popular do teatro quando a gente vê as montagens da C.T.I. (Companhia Teatro da Investigação). Os textos. A direção, as imagens nos remetem a um luar claro, ao sol quente, a alegria de atuar, de jogar, brincar! Brincar de fazer teatro. Assim é a CTI em sua pesquisa. Pesquisa séria! Os sotaques e os arcos se abrem sob nossas retinas ameninadas de tanto ver o jogo da cena acontecer como se fosse sempre uma festa. Uma festa. A festa da pesquisa, do processo, do trabalho que ganha cor. Ganha a fortuna do espetáculo feito na esquina, na rua, na viela, no sol, na curva, em MARSILAC!!! É o TEATRO a serviço do povo. Para o povo! Feito por este povo lindo que compõe a CTI. Povo lindo e louco! Loucuras são bem vindas, feito menina malina em dia de sol. Saravá! Saravan! Foi tudo a Vera! A Vera! Cada grupo que foi e veio transportado neste epílogo breve de coisa boa que já começa terminando voou! Cada apresentação na I Mostra de Teatro em Trânsito, na qual a Cia de Teatro Flor do Asfalto teve o prazer de participar foi única. E será! Será assim. Teatro é assim.

Salve CTI.

Wagner Gama

Diretor da Cia Flor do Asfalto



Uma parceria traz, na sua essência, **UMA RELAÇÃO SOLIDÁRIA.** Entre coletivos artísticos, uma boa parceria é aquela que ultrapassa a troca artística para mergulhar numa relação afetiva, estabelecendo elos de amizade e compartilhamento, não só de estéticas, linguagens e técnicas, mas também de dificuldades, inseguranças, medos, alegrias e poéticas.

Todos os aspectos acima citados e outros mais, contemplados estão nessa parceria de mais de um ano entre os grupos CTI e Cia Encena dentro do projeto "Teatro é Sangue, Precisa Circular". Não restou qualquer dúvida de que a parceria foi frutífera e resultou feliz e positiva para ambos os lados. O teatro pulsou e circulou em plena harmonia nas artérias da arte. Oba!

Cia de Teatro Encena, Setembro de 2018.

DEPOIMENTO SOBRE A I MOSTRA DE TEATRO EM TRÂNSITO OU CARTA AFETIVA SOBRE COMO O TEATRO NA PERIFERIA EXISTE E É MARAVILHOSO.

Em 2014 o Grupo Rosas Periféricas, iniciando pesquisa artística no Parque São Rafael, percebeu a importância de tecer redes de vivências entre os grupos de teatro que fazem parte do mesmo território. Fazer conexões com quem faz arte nas periferias é encontrar diversas maneiras de articular a cultura, é dividir cotidianos semelhantes na busca pela formação de público e sobretudo é descobrir que existe muita poesia e resistência nisso tudo.

Tão feliz é então o ano em que estamos, onde mais uma teia dessa rede se teceu. O convite de parceria feito pela CTI Cia. Teatro da Investigação providenciou momentos maravilhosos, de trocas verdadeiras e reflexões sobre o fazer teatral dos grupos dentro da I Mostra de Teatro em Trânsito. O Rosas Periféricas escolheu o espetáculo “Rádio Popular da Criança” para integrar o projeto. A escolha foi baseada na receptividade que recebemos quando realizamos essa peça, os palhaços e palhaças da rádio trazem as crianças para perto da roda, e assim os adultos vão perdendo a timidez e chegando também. Quando estivemos na casa do CTI sentimos a boa energia dos teatros e quando estivemos na rua, no chão do Jardim Santo Elias sentimos quem somos, periféricos.

Que alegria passear em uma van teatral. Entrar dentro de um carro e levar tudo dentro. Cenário, personagens, atores e atrizes, motorista que é ator e diretor também, câmera-man e a gente gravando

tudo o que é e sabe, quase nada, mas juntando o de todo mundo dá um tantinho bom. Periferia total esses rolês na van do CTI. É a cidade do trânsito teatral ou é teatral o trânsito na cidade.

Receber a festa, dentro da ação de intercâmbio, foi também um dia marcante, pôr do sol corou o forró pé de serra na praça, que dançamos nos ecos das memórias da zabumba e do triângulo, que é memória nordestina de quem está no bairro desde sua fundação.

Vivenciar a troca, apreciar os caminhos, refletir as histórias e celebrar nossa arte. Poder estar com os nossos, ouvir, falar, rir e atuar. (Re) conhecer a casa dos amigos, estreitar os laços e fazer novos amigos. Foram estes verbos que permearam nosso ser durante esta vivência. O Teatro circulou. Com ele, levamos nosso corpo, nossa alma, nosso sangue. Compreendemos a essencialidade da partilha, da parceria e da multiplicação que o teatro possibilita e os caminhos que abre para trilharmos. Levar um pouco de nós em cada espaço que circulamos, no trajeto, na chegada, na montagem do cenário, durante nossas trocas de figurinos, juntamente com nossos parceiros do CTI e com o público, que curioso já dizia: - hoje tem teatro? - Olha a galerinha do teatro! - O que tem hoje pra gente? E com isso, trouxemos um pouco de cada lugar conosco. Trouxemos afeto, ideias e acima de tudo, estreitamos os laços com esses amigos que nos inspiram, ensinam e nos fazem entender que teatro é ser, estar, é sangue e precisa circular.

Vida longa ao CTI. Viva o CTI! Viva o Rosas Periféricas! Viva tu! Viva eu! Viva nós!

Grupo Rosas Periféricas. Setembro 2018

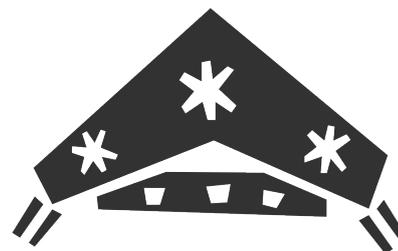
UMA VIVÊNCIA DE INTERCÂMBIO

SERTÃOOPERIFA E CTI

Claudiney Nonato - Sertãooperifa

O projeto Sertãooperifa tem realizado transformações significativas para nosso coletivo e para a comunidade onde atuamos. Percebemos que a região em que realizamos nossas atividades é vulnerável em termos de ações culturais. Ser parte dessa ação, que leva arte e sorrisos para pessoas simples, é gratificante. Sentir no olhar a felicidade das pessoas que assistem e participam de nossas atividades, nos anima a continuar na caminhada. Quando acompanho as oficinas de música com as crianças, sinto a alegria e empolgação dos meninos e meninas “batendo” um triângulo e zabumba. Percebo que ali está a essência da nossa ação enquanto coletivo, que é ver em cada olhar e em cada música tocada, o projeto acontecendo.

Na nossa caminhada tivemos, recentemente, uma experiência que fez muita diferença para o projeto. Eu, como coordenador, pude ver o quanto é importante o intercâmbio entre projetos que estão nas periferias e quase não conseguem se encontrar. Fomos convidados a uma parceria com a Companhia de Teatro da Investigação (CTI) na I Mostra Teatro em Trânsito, onde o coletivo pôde trocar e conhecer outros projetos e coletivos, além de vivenciar um pouco da realidade de cada espaço que nos acolheu. Vivenciar essa experiência nos ajudou a entender ainda mais o poder transformador da arte em tantos lugares. Estar junto deste coletivo, visitando e sendo visitados, nos faz acreditar e entender que a cultura popular está muito viva e que devemos continuar circulando para espalhar essa alegria.



NO RURAL-URBANO AS TROCAS PERIFÉRICAS DA ARTE E DA CULTURA

Magno Duarte – Vila do Sossego

O grupo Vila do Sossego surge das experiências musicais de três jovens do extremo sul da cidade de São Paulo, mais especificamente da região de Parelheiros. Nossa musicalidade é marcada pelas histórias de vida de nossos pais, nordestinos e sertanejos. Essa marca está presente em nosso repertório que traz releituras de autores importantes do forró pé de serra e da MPB. Nosso trabalho também é marcado por ações culturais que extrapolam o universo da música.

Há 9 anos a Vila do Sossego também promove projetos que buscam trabalhar com as memórias e histórias da migração nordestina pra São Paulo. As ações têm como objetivo valorizar e dar visibilidade a cultura nordestina, como fonte de composição cultural determinante das periferias de São Paulo. Um dos projetos que surgiram das pesquisas do grupo é

o Sertãooperifa: forró e poesia na Cidade de Pedra. O projeto realiza oficinas de forró com crianças e circula com eventos que levam música, sarau de cordel, intervenções cênicas e outras atividades em uma Kombi-baile, sempre com a temática nordestina.

O nosso contato inicial com a CTI se deu através da nossa vivência com o coletivo Cultura de Garagem, que realiza intervenções e oficinas teatrais no bairro de Marsilac, distrito de Parelheiros. Quando fomos convidados a vivenciar essa experiência de troca e intercâmbio, em diferentes espaços e com diferentes grupos e expressões que emergem das bordas da cidade, na I Mostra Teatro em Trânsito, ficamos honrados.

Enxergamos uma bonita sintonia temática do nosso projeto e musicalidade com as ações da Cia do "Teatro-Baile". Os espetáculos da Cia trazem a tônica cultural e recriam os festejos, alegrias e dores do povo nordestino. Além disso, trazem a música de grandes mestres como Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga. Apesar da distância geográfica das periferias em que cada um dos grupos atua, temos uma leitura próxima em relação à composição cultural das periferias de São Paulo.

Provocar o intercâmbio entre grupos que atuam nas periferias de São Paulo, pode parecer elementar, mas não consideramos uma tarefa fácil, tendo em vista o número de ações culturais que os coletivos já desenvolvem em suas regiões e a luta diária para sobreviverem da cultura.

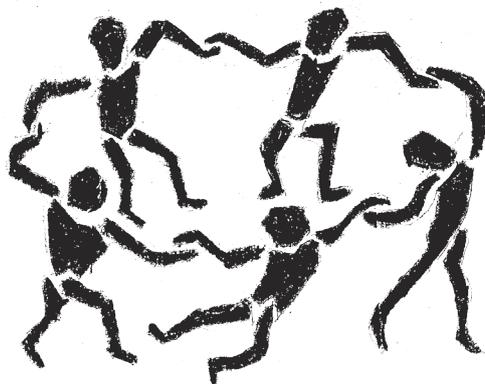
A CTI trás como elemento chave da proposta da I Mostra Teatro em Trânsito essa troca constante entre grupos de todos os cantos da cidade. A Cia viabilizou e deu condições para que todos os grupos envolvidos na proposta, se visitassem e levassem suas produções para o território do "outro". A promoção de troca e compartilhamento entre grupos certamente enriqueceu a caminhada de cada coletivo.

Nosso grupo realizou apresentações na Sede da CTI e no Espaço Rosas Periféricas, ambos na Zona Leste. Fomos bem acolhidos e as trocas se deram não só nas produções culturais ali apresentadas, mas também nos diálogos, bate-papos e na alimentação (do corpo e da alma). Pudemos conhecer as realidades e lutas de cada grupo e pudemos compartilhar nossa produção e trajetória.

Por outro lado, tivemos o prazer de receber o grupo Ciclistas Bonequeiros em Marsilac. O grupo trouxe o Triciclo Culinário com a história da tapioca, que alegrou a comunidade num dia de muita garoa, mas com o calor humano gerado pelo forró e as diversas atividades daquele dia bonito.

Considerando a amplitude territorial e a diversidade cultural ímpar de São Paulo que, muitas vezes, dificultam a aproximação entre os coletivos, acreditamos que, sem essa provocação e organização da Companhia Teatro da Investigação, seria difícil vivermos essa experiência.

Por fim, desejamos que as nossas ações possam ser compartilhadas de forma orgânica, entre as periferias, e que o movimento cultural coletivo se fortaleça cada dia mais, em rede!



O GRUPO REFINARIA TEATRAL

No ano de 2006 um conjunto de artistas cênicos, de diferentes experiências anteriores, se reúne semanalmente para investigar novas formas do fazer teatral e principalmente realizar uma investigação prática sobre a estética do ator e sua presença de cena.

Por quase dois anos, no desejo da realização de um teatro não convencional, esse trabalho de buscas e experimentações, de exercícios de treinamento de ator e de pesquisas solidifica um núcleo de atividades permanentes. O trabalho prático sobre a presença de cena do ator ocupa a maior parte do tempo das atividades do coletivo. No entanto, investigações teóricas, intercâmbios com outros artistas e coletivos de diferentes culturas, realização de oficinas e palestras também fazem parte das atividades do grupo - ações essas que permanecem sendo executadas e aprofundadas de forma contínua até hoje.

Em meados de 2008, esse conjunto de artistas decide dar um nome para o coletivo. Surge, então, o grupo Refinaria Teatral. O coletivo considera 2008 o ano oficial de sua fundação, mas não se pode ignorar os anos anteriores, que o Refinaria Teatral denomina como pré-grupo devido à relevância na orientação dos trabalhos que são realizados por esse coletivo.

2010 é o ano que o grupo Refinaria Teatral estreia "Espelho e apresenta ao público o primeiro resultado dessa fase inicial das pesquisas. Depois desta, vieram mais 6 obras. Ao longo desses anos, o coletivo participou de alguns fóruns nacionais e internacionais, organizou e realizou palestras, participou e organizou mostras teatrais, promoveu oficinas de diferentes linguagens artísticas, realizou oficinas sobre seus trabalhos e parcerias tanto com universidades do Brasil e do exterior quanto com diferentes grupos, nacionais e internacionais. Seus trabalhos foram apresentados na Argentina, México, Venezuela e Chile.

As obras do grupo discutem distintas temáticas, buscando sempre quebrar paradigmas e situações de comodismo. Essa busca não fica só nas temáticas trabalhadas, mas, também, no trabalho

de corpo do ator, nas diferentes encenações e efeitos cênicos. Com o tempo, a busca de um teatro não convencional que, inicialmente estava voltada exclusivamente para o trabalho do ator acabou chegando, também, nas propostas de encenação, dramaturgia, cenário, iluminação e sonoplastia. O grupo Refinaria Teatral busca, com seus trabalhos, não uma situação de aplauso - embora isso também aconteça -, mas gerar um incômodo reflexivo no espectador em diferentes esferas.

Ana Szcypula (atriz, maquiadora e pesquisadora) e Daniel Alves Brasil (encenador, pesquisador, preparador de atores e diretor teatral) foram os fundadores desse coletivo. Passando por diversas fases, e sempre dentro de seus objetivos investigativos já revelados, o grupo Refinaria Teatral solidifica sua pesquisa particular, o Teatro Marcial.

Daniel, criador do Teatro Marcial, de exercícios específicos e do sistema de treinamento de atores do grupo, desenvolveu técnicas tanto extraídas como inspiradas na arte marcial Karatê-do. Essa investigação prática gera um estilo particular de comunicação e efeito cênico que aprimora a presença cênica do ator, amplificando e retendo a energia corpórea, aumentando a limpeza e precisão da ação corporal e gerando ações e personagens arquetípicos. A grande produção de energia corporal sob controle do ator provoca um magnetismo potente que traz o espectador para dentro da obra. Recursos de ação que saíram dessa investigação, como a ação fotográfica e o ator fragmentado estimulam o criativo, o reflexivo do espectador, fazendo com que ele crie junto com a obra, sendo também criador. Essa relação de trabalho acabou também se estendendo para os outros elementos da encenação.

Em 2017 o grupo Refinaria Teatral iniciou uma nova série de investigações e pesquisas para encontrar as características da corporeidade teatral dos povos nativos brasileiros, as técnicas e as manifestações cênicas mais tradicionais dos habitantes das terras brasileiras, indo ao encontro das características do teatro mais tradicional de nossa nação. O grupo chama essa fase de encontro com o teatro de Pyndorama.

Recentemente o grupo decidiu montar o seu primeiro monólogo, a obra "O Ritual". Obra que discute poeticamente as estratégias de manipulação de massa que são utilizados diariamente para conduzir parte da nossa sociedade. Um ritual imposto pelo sistema onde todos somos obrigados a passar, mas poucos o reconhecem e tem a possibilidade de se desvincular dele. Como base para composição dessa obra o grupo parte das análises de Noam Chomsky sobre os sistemas de condução de massas. Chomsky é um linguista, filósofo e cientista cognitivo norte-americano. Ele é considerado "o pai da linguística moderna", também é uma figura renomada no campo da filosofia analítica.

Durante a construção de "O Ritual", o grupo Refinaria Teatral decide expor, abrir parte do processo interno de construção desse trabalho - ou seja, criar uma obra sobre a construção da obra.

A exposição e abertura do trabalho em modelo de apresentação demonstra, em ação, algumas etapas do processo do grupo em seu "Teatro Marcial": Exercícios para construção da estética, a criação de personagem com a proposta estética partindo de técnicas específicas, improvisações até chegar na exposição de cenas sequenciais do novo trabalho. O grupo acabou chamando essa obra-demonstração de trabalho de "Peregrinação".

"Peregrinação" surge em uma relação de intercâmbio com os amigos e parceiros do grupo CTI - Cia. Teatro da Investigação. A primeira demonstração de trabalho do grupo Refinaria Teatral estruturou-se em uma série de duas apresentações na 1ª Mostra Teatro em Trânsito (criada e organizada pelo grupo CTI). O grupo Refinaria declara que "Peregrinação" nasceu da liberdade que a Mostra Teatro em Trânsito construiu com os grupos envolvidos, expondo o que gostariam de compartilhar e que provavelmente se essa sensação não fosse real é provável que "Peregrinação" não existiria.

Para saber mais sobre o grupo Refinaria Teatral, acesse www.refinariateatral.com.br



Correlações Intuitivas: tecendo diálogos entre intuição e intelecto.

Clda Almeida

Toda essa parte do texto, vale aqui ressaltar, está elaborada a partir de uma reflexão crítica tendo como foco a prática em sala de aula e foi realizado um recorte, para análise, do estudo com as Máscaras e mais em particular a Máscara Neutra e Expressivas.

Bergson e Lecoq: estamos diante de dois criadores, de dois pensadores e práticas que aparentemente nada têm em comum, a não ser a compreensão e abordagem acerca do conceito de movimento que os une em um esforço e exercício de pensamento alargado i possamos compreender ambos os métodos como complementares e não antagônicos. Para Bergson o movimento não existe. Para Lecoq ele se desenha no espaço!

No livro *O CORPO POÉTICO – Uma pedagogia para a criação teatral*, de Jacques Lecoq, nos chama bastante atenção uma frase do próprio autor que transcrevo aqui em palavras e guardo em minha memória: “Quando eu era atleta gostava de imaginar o desenho que o meu corpo fazia no espaço”. Ele se referia a um tempo em que, no mesmo momento em que ele realizava a ação, ele se permitia “ver”, poeticamente, o desenho, a trajetória do seu corpo no espaço, como se “um outro ele” observasse sua ação e convivessem juntos naquela duração de uma ação de poucos segundos... quem seria esse observador? Com quem ele conversava e quem era aquele que podia descrever ou desenhar esse tempo de execução do salto do atleta?

Disso vivem os poetas, entrando e saindo de um espaço imensurável, que os permite criar. A questão é: como manter o frescor desse exato momento, se a arte do ator é marcada pela repetição? Esse mesmo Sr. Lecoq, dá o nome de *rejouer* a essa possibilidade de repetir. O termo *rejouer* foi traduzido em português para “retomada”, que

considero uma inexactidão. *Rejouer* significa literalmente “re-jogar” ou “jogar novamente”. Parece-me mais coerente, pois não retomamos o tempo ido, mas podemos a qualquer momento jogar de novo... Tal a capacidade do artista de lidar com o imensurável Tempo, ele se conecta com a Duração.

Não se pretende aqui que o problema apresentado se reduza a um problema linguístico, mas indo em direção a outra via, por meio da reflexão verificar a influência que alguns textos e pensamento de Bergson, conseguem provocar associações entre os dois métodos e conjugar melhor com o tipo de assunto que é a Criação e a Prática Criativa do ator.

Como atrelar uma Arte a um método, aprisionar o ímpeto criativo, sujeitando-o ao rigor e submissão de regras? A princípio temos essa leitura, principalmente no caso da arte do ator, qual matéria sua de expressão e ferramenta de trabalho é seu próprio Ser.

Nesse ponto encontramos a convergência com os pensamentos do Método Intuitivo proposto por Bergson à Filosofia e ao que se propõe esse texto que é o Método de Jacques Lecoq: Ambos têm uma mesma preocupação que é o Movimento. O primeiro oferece a intuição como o meio pelo qual o Filósofo pode apreender a duração, o tempo não espacializado, e “admitir a priori de que o movimento coincide com a imobilidade” (BERGSON, EC, 1941,p.274); Já o segundo nos oferece o rigor do treinamento e domínio de habilidades físicas e repertório gestual e seu desenvolvimento no tempo espaço. E onde estaria o ponto de convergência, afinal, já que parece que ambos estão caminhando em sentido contrário?

Parece-nos que esses dois métodos não se excluem, mas que aparentemente em caminhos opostos, se complementam:

Em uma conferência proferida em 1911, Bergson diz que a intuição se comporta em “matéria especulativa”, tanto em seu início quanto em suas manifestações mais nítidas, como uma proibição, “ela proíbe”, opondo-se até mesmo à razão científica: Diante de ideias aceitas habitualmente, diante de teses que pareciam evidentes, de afirmações que até então haviam passado por científicas, ela

sopra na orelha do filósofo a palavra: impossível. Bergson se refere à intuição tanto como uma faculdade quanto como um modo de conhecimento distinto do intelectual, em que não caberia a interpretação metodológica. (COELHO, 2011).

Aqui no Brasil, por muitas vezes a Metodologia Lecoq vem fracionada, como se cada parte dela fosse independente da outra. Dentro da sua prática metodológica está o trabalho com os grandes territórios dramáticos: a Tragédia, o Melodrama, a Commedia Dell'art e o Clown. Mas também todo um ano, que antecede aos territórios, de trabalho que tem como start justamente o processo de analogias de natureza sensorial, que busca traçar esse trabalho que sabiamente Lecoq chama de Psicologia da vida silenciosa e a Máscara Neutra, aquela que é capaz de permitir deixar de ser para passar a "Sendo":

Utilizamos uma Máscara de couro criada por Ameleto Sartori ii, que deriva da Máscara Nobre de Dasté. A Nobre tem feição um pouco japonesa, mas tem em comum com a Neutra o fato de ser uma máscara de calma, sem expressão particular, em estado de equilíbrio. (LECOQ, 2003, p.52)

Esta Máscara é considerada a Máscara de todas as Máscaras e a qual considero de suma importância para a prática atoral, pois ela irá colocar o ator à disposição do devir, da intuição da duração e fio condutor. Pode-se conhecer de duas maneiras alguma coisa: rodeando ou entrando. O modelo Analítico tem a ver com o "rodear"; e o modelo Intuitivo com o adentrar, ser.

Em A Intuição Filosófica, Bergson faz a seguinte pergunta o mesmo tempo que aponta caminhos: Podemos nós, recuperar essa intuição ela própria? Só temos dois meios de expressão, o conceito e a imagem (2006, p.138). Presumo que o trabalho com a Máscara Neutra possa nos colocar acessíveis a elas, que quando experimentada, entenda-se "vestida", pelo artista impõe a necessidade de se encontrar outros caminhos para a comunicação, pois o uso da palavra e as expressões faciais são nulos.

O fato é que a consciência no homem é, sobretudo inteligência... a intuição acha-se completamente sacrificada à inteligência (BERGSON, EC, p.267). Um pensamento

elucidativo do próprio tempo histórico a que está atrelado. Um olhar da ciência sobre o mundo. No exercício e experimentação com a Máscara Neutra, criada exclusivamente para fim pedagógico por Ameleto Sartori, escultor e mascareiro contemporâneo e parceiro de Lecoq, pode-se encontrar um trabalho no sentido de buscar um equilíbrio e cooperação desses dois universos aparentemente antagônicos: Inteligência e intuição.

Trecho do artigo "A INTUIÇÃO NA FORMAÇÃO DO ATOR" de Maria Aparecida Ferreira de Almeida, CIDA ALMEIDA.

Para acessar o artigo na íntegra acesse:



<https://www.teatrobaile.com/publicacoes>

A OLARIA DO JACKSON PELO DIREITO À ARTE E À MORADIA

Beá Lima

Foi em 2015, no centro da cidade, que assisti pela primeira vez a Olaria de Jackson do Pandeiro, uma romaria saída da seca do sertão em busca de uma vida melhor na cidade.

Ali, na Rua Barão de Itapetininga, a sensação era que todos os corpos presentes que bebiam, comiam e dançavam no teatro-baile eram feitos da mesma matéria. E são, mas no correr do dia a dia, as diferenças de classe, cor e gênero criam limites para a existência e reforçam desigualdades. Não deveria, mas a moradia é ainda hoje no Brasil uma questão de privilégios. De acordo com o levantamento do Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), divulgado no primeiro semestre de 2018, em todo território nacional existem 33 milhões de pessoas sem teto.

Três anos passaram, e aqui escrevo sobre minha última experiência com o ensaio aberto de Jackson do Pandeiro em uma nova roupagem. Não estamos mais na rua, a comida não é mais baião de dois, é churrasquinho, o churrasco da Jurita, duas personagens que agora já tem endereço, moram na ocupa-

ção Jackson do Pandeiro. A peça saiu de um passado não tão distante, para a modernidade da metrópole que pede a todo momento que se reinventem.

O cenário constrói, a partir de personagens simples e reais, uma narrativa que percorre as lutas cotidianas de quem busca na moradia um ponto de partida para a vida digna. E se em 2015 eles lutavam em busca de um terreno, em 2018 o cansaço da resistência se materializa no olhar de artistas que não só imitam a vida.

Dessa vez, a história se passa dentro da ocupação, e quem assiste é convidado a entrar muro a dentro do espaço da Companhia do Teatro da Investigação. Tudo remete aos pequenos avanços de homens e mulheres comuns que conquistaram sua moradia a custo de muita luta e até de morte pelas mãos da polícia.

Um dia antes do primeiro turno das eleições de 2018, o clima comum era de cansaço, mas os olhos e o entusiasmo das Flores do Asfalto, grupo de teatro convidado a participar da continuação da Olaria do Jackson, trazem pras cenas e pra metáfora da



vida o sentido da troca: a esperança de quem experimenta a arte interagindo com a experiência de quem fez dela o próprio alimento e com isso já somou mais memórias, sentimentos e cicatrizes.

Ao longo da narrativa não paro de pensar que o ensaio aberto que assisto é também uma retrospectiva da história da CTI, que agora tem além das ruas, um espaço seu, situado na zona leste, envolvido por uma comunidade que chega aos poucos pelo cheiro do churrasco e se apropria dos lugares que a sede dispõe.

Como de praxe, o público é chamado o tempo todo pra dentro do enredo e enquanto vamos em direção ao interior da ocupação, caminhando para o interior da ocupação, somos estimulados a buscar por uma moradora do prédio que é conhecida por seu talento para a música. Ao chegarmos até ela, insistimos para que ela cante enquanto a personagem se nega e afirma o cansaço da luta tripla em ser mãe sóla, sem teto e artista. É muita luta!

Contracenando com a artista Zé do Tijolo, um pai viúvo, tentando criar as filhas e vender um caminhão cheio de tijolos para sustentar sua família. Em comum, além da ocupação, os personagens tem a música e a necessidade de dar uma vida diferente aos rebentos que já sabem de que matéria são feitas as pessoas de luta e por isso insistem que é na arte que querem se criar.

Maria Social lamenta o destino, pede que filha deixe “esse negócio de arte de lado” ao mesmo tempo em que se orgulha de vê-la ensinando as amigas, filhas do Zé do Tijolo, a cantar.

Depois de muitas lamentações legítimas é dado início ao baile da Maria Social que brada: “Festa é a única coisa que pobre pode ter na vida”.





O TEATRO-FESTA-CRIANÇA vem reforçar a poética do Teatro-Baile que abre mão do Verniz para acolher o público. Aqui o mais importante é o lugar do público. A cada novo trabalho o desafio aumenta. Mas, estamos na direção que acreditamos e que cumpre a missão de formar novos públicos para o teatro, é um projeto para a cidade de São Paulo e é mesmo. Durante os meses de Maio, Junho e Julho além da MOSTRA iniciamos os trabalhos da nossa Peça para crianças ou direcionada para as crianças.

Salve as crianças!!
É o Teatro-Baile-Criança;
É a festa primeira;
Que mora dentro da gente;
É o Teatro-Baile-Criança;
É o despertar da vida;
Do brincar;
Da dança;
Salve a Criançada!!
Vem pra Festa!!!
Sou o Teatro-Baile, eu não ando Sozinho;
Aqui no número 212 da Rua Otí;
Construí o meu ninho;
Eu sou o Teatro-baile;
Que de tanto Teatro-Bailar;
Virei Teatro-Bailinho;

Ganhou o Título de CARURU que é a festa de Cosme e Damião. Como o nosso trabalho investiga a festa fomos buscar na festa popular das crianças, a festa que abriga o Teatro-Bailinho. Podemos aqui dar continuidade a pesquisa com um grande aprofundamento. A Preparação da Festa (capítulo da Tese de Doutorado- Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte/MG: práticas simbólicas e educativas, de autoria de Vânia de Fátima Noronha Alves) nos serve de base nos aprofundamentos da forma de organização da festa popular, feita por quem participa. A festa não tem dono! E o melhor da Festa é esperar a Festa!

Conseguimos com as orientações artísticas e os treinamentos de Carlos Simioni do Lume Teatro, Fernando Alabê do Bloco Afro Afirmativo Ilú Inã e do Coletivo Negro e Cida Almeida que também faz a direção da peça, avançar muito na direção de um teatro popular, carregado das matrizes simbólicas do Brasil Mais profundo.

O imaginário coletivo do Sertão-Criança. O rio, o céu, o Cajueiro, a Lavadeira, o Terreiro, os saberes da Festeira, os Calunguinha de barro, A música vinda da África, o sonho, a sina, o comer, o beber, o dançar, o brincar e a cabaça que pode virar de um tudo, em uma dramaturgia embebida da literatura de cordel se faz o nosso CARURU – Teatro-Bailinho.

Edu Brisa



FOTO: GUSTAVO



FOTO GUSTAVO GG



FOTO GUSTAVO GG



FOTO GUSTAVO GG



FOTO: GUSTAVO



CARURU - CTI - 2018 - Fotos: Gustavo Guimarães

CARURU - UMA VERSÃO

Cida Almeida



Conta-se de uma mulher que virou árvore ao pé de um rio que corria no terreiro de trás da sua casa... Nasceu do amor da terra e da água. Ou seria a história de uma mulher que fazia, com a argila que recolhia à beira do rio que corria no terreiro do fundo da sua casa, bonecos que coloria com a tinta da árvore que nasceu no terreiro da sua casa?

Já não se sabe mais ao certo, de tanto que já se contou essa história.

O bonito mesmo é o que se conta daquele terreiro de fundo daquela casa. Dizem que era um lugar mágico e cheio de encantamento. Chegam mesmo até a dizer que foi ali que o mundo começou, tal qual a gente conhece.

O rio que embeira o terreiro, tem o nome de Murucikanga, um ser supremo que de tanto chorar secou seus olhos e ficou assim cego. Por isso ali no fundo daquela casa o pouco de lágrimas que lhe restam é um riacho barrento. O rio Murucikanga se serpenteia pelo sertão atravessando as terras secas, sedentas e estéreis, com o que lhe restou de lágrimas.

Em sua nascente, onde a água era mais abundante, mora Luzia, menina lavadeira que aprendia o ofício ajudando sua mãe a lavar a roupa das pessoas do povoado. Luzia conta que Murucikanga foi quem levou sua amiga melhor amiga Águia, mas essa lhe prometeu que um dia voltaria e lhe faria asas para juntas partirem para Olorum, o lugar de tudo e de todos.

Foi num dia em que Luzia brincava com as águas que luziam dentro das bacias de alumínio, enquanto esperava a roupa a quilar em cima das pedras, quando apareceu Menino que vagava pelo mundo seguindo uma estrela que viu no céu. Era dia de seu aniversário e estava admirando o presente que ganhou de seu pai: uma cabaça! Olhou para o firmamento e ali viu a estrela que parecia de mover. Passou a seguir a estrela com a cabaça e quando se deu conta, não estava mais no terreiro de sua casa: já não sabia mais onde estava. Esta história Menino contou pra Luzia, que admirada quis ser igual a ele e seguir quem sabe o vento, que lhe levaria até encontrar Águia.

Foi quando Luzia falava do seu desejo a Menino que do outro lado do rio apareceu um Velho homem cego que lhes pede ajuda para atravessar para a outra margem. E a dupla imediatamente ajuda aquele senhor. Como gratidão, o Velho entrega a cada um uma cabaça dizendo que elas eram encantadas, possuindo um poder especial. Mas para que pudessem ver como funcionava teriam que ir até o povoado onde tinha o Terreiro do Cajueiro, que é ladeado pelo Murucikanga que produz o barro que serve de sustento para uma Velha Sábia, festeira e bonequeira. Dele ela tira seus personagens, pequenas vidas que se transformam em histórias contadas pras gentes pequenas sonhar, ouvir e ficar forte pra crescer e fazer um mundo melhor. Diz-se de Zabé, o nome da Velha Mulher, que não era Feiticeira, nem Bruxa e nem Alcoviteira: era mesmo uma gente encantada, que se encontra na Natureza feita em árvores centenárias.

Findando a história sobre Zabé, grandes cabaças se transformam em “bumbas-meus-barcos” e os três, juntos, desceram o rio Murucikanga que os levaria até o Terreiro do Cajueiro.

Lá chegando Zabé os esperavam para a festa daquele ano. Numa esteira estendida no chão se podia ver cinco imagens de barro. Eram cinco crianças. Pareciam estar sentadas esperando prá comer, cada uma tomava um lugar na esteira, como que aguardando as duas crianças que acabavam de chegar. Sete pratos de comida, sete copos de bebida para servir à sete crianças.

Nesse momento Menino e Luzia entenderam qual o encantamento das cabeças que eles traziam: Zabé pediu para que as crianças abrissem as cabaças e dentro estava um pó dourado que Luzia soprou em direção às cinco imagens que tomaram vida!

E assim deu-se início à festa que Zabé chama de CARURÚ, para festejar todos os anos o renascimento, a alegria e a esperança trazida pelas crianças.

Ah! E dizem que logo depois da tal festa CARURÚ, a ÁRVORE e o RIO, se encantam novamente em Zabé e Velho cego para encontrarem aquelas criaturinhas que representarão na festa todas as crianças!

E isso acontece a muitos e muitos tempos de anos.

AXÉ !

EVOÉ !

São Paulo, 14-06-2018.

História elaborada como devolutiva às propostas dos artistas criadores do CTI: Carol, Cris, Geovane e Harry.



MEMÓRIAS DA PESQUISA DE **CARURU**

Geovane Ferman

Com Início em maio de 2018 as pesquisas para construção de um Teatro-Baile, voltado para o público infanto-juvenil, os Atuadores da CTI Carol Guimaris, Cris Camilo, Geovane Ferman e Harry de Castro mergulham nos universos de Platão com a Obra “O MITO DA CAVERNA”, Italo Calvino com os capítulos “LEVEZA” e “RAPIDEZ” da obra “Seis propostas para o próximo milênio” e Vânia de Fatima Noronha Alves com a Obra “Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte”. E músicas de festas populares e das obras de Jackson do pandeiro e Luiz Gonzaga.

Os primeiros movimentos provocados a partir das leituras e reflexões das referidas obras foram experimentos, onde cada ator a partir de sua leitura crítica propôs um personagem numa determinada situação.

Outro motor que movimentava essa imersão são os objetos da cultura nordestina que já utilizamos em outras peças, em especial a “CABAÇA” que aqui começamos a buscar por inúmeras possibilidades de utilizá-la em cena.

A Cabaça que pode ser o que a gente quiser!

A cada semana os atores propunham cenas individuais nas quais compartilhavam com os outros atores o que levava a criação de outras possibilidades.

Enquanto os atores mostravam e compartilhavam suas propostas criadas a partir de todo o material pesquisado, Edu Brisa dramaturgo observava atentamente o processo com a importante missão de transformar/organizar todo aquele material cênico em um espetáculo teatral, ou melhor em um Teatro-Bailinho. Cida Almeida foi quem acolheu a Direção desse trabalho que começara a ganhar tons e linhas. Atentamente olha para o material até então proposto e começa a dar caminhos para a realização do espetáculo.

É Festa! É Festa das crianças. É festa popular, como só poderia ser.

É festa que a CTI investiga em sua poética em construção do Teatro-Baile.

É Festa das Crianças! De Cosme e Damião e Doum. Ibejis, Erês e Curumins.

É festa e festa com música e quem delicadamente conduz a Direção Musical a partir das criações dos atores é Fernando Alabê que também cria parte da Trilha sonora em composições com ritmos brasileiros que transitam pelo samba, samba de cocô e embolada, samba de velho, ciranda.

O cenário e figurino começam a serem pensados e propostos pelos atores em conjunto com a direção e dramaturgia.

Esse é o ensaio para a receita da feitura do nosso CARURU – Teatro-Bailinho que em breve nascerá e correrá pelas veias da Cidade de São Paulo, pois Teatro é Sangue e Precisa Circular.

MÁSCARA

Como parte do processo de criação do espetáculo os atores, Carol Guimaris, Cris Camilo, Geovane Ferman e Harry de Castro, fizeram uma imersão sobre máscaras orientados por Cida Almeida. Os atores participaram de exercícios lúdicos e meditativos que remeteram a imagens/figuras e partir desse movimento cada um construiu sua própria máscara com papéis, colas, isopor, tintas...

As Máscaras criadas foram utilizadas durante o processo de criação do espetáculo, para a investigação do corpo de cena de cada ator e como composição alegórica de cada Personagem. O trabalho foi tão potente que as máscaras acabaram entrando como parte do espetáculo. As máscaras originais feitas de papel cartão foram replicadas perfeitamente pelas mãos da artista Karine Lopes.

CENÁRIO

A criação e construção do cenário é um trabalho feito por todos e a ideia é colocar a cabaça como elemento cênico criador de tantas outras coisas, afinal como indica a dramaturgia “a cabaça pode ser o que a gente quiser”. É a cabaça que se torna rio, um rio circular que rodeia o sertão/cena, como é a cabaça que se transforma em balão, barco e bone-

co e que nas mãos dos atores e do público ganham vida. Compõem o dispositivo cênicos uma lona de caminhão que é chão. É terra. É barro. Barro que também é boneco, que também é terra que nasce bambus e que se transformam em casa. Barro que se transforma em pedras que são as corredeiras para águas que correm rio acima.

FIGURINO

O processo de criação do figurino caminhou junto com o processo de criação das personagens a partir das propostas dos atores que sempre traziam para exercício uma possibilidade de música, de ritmo, dinâmica, de objetos de cenas, instrumentos musicais e também dos figurinos. O que possibilitou o desenvolvimento do figurino a partir do entendimento dos atores evidenciando a autonomia que a CTI propõem em seus trabalhos. Cada ator propôs e ouviu os outros criadores e fizeram as mudanças que acharam necessárias e foram moldando os figurinos a modo de ser funcional para a feitura do espetáculo. Na finalização dessa etapa a CTI teve a colaboração da artista Karine Lopes.

DRAMATURGIA SONORA

A Dramaturgia Sonora do espetáculo, segue o que o grupo desenvolve já a alguns anos em relação com a música na cena, e a música executada ao vivo, pelos próprios artistas-criadores. O que requer um estudo musical e para esse processo contamos com a orientação de Fernando Alabê que também assina a Direção Musical de CARURU. Estudando com Alabê os instrumentos de percussão e suas aplicações nos mais diversos ritmos entre eles: samba, samba de cocô e embolada, samba de velho, ciranda. Que são ritmos presentes em CARURU.

O espetáculo é recheado de músicas próprias e canções da cultura popular brasileira e contou com composições dos atores/criadores Carol Guimaris, Cris Camilo, Geovane Fermac e Harry de Castro, do dramaturgo Edu Brisa e do diretor musical Fernando Alabê.



CARURU-TEATRO-BAILINHO

Beá Lima



A Praça Parelheiros fica a 37 km do marco zero da cidade de São de Paulo. O cenário em torno da praça é pouco comum para a cidade urbana. A caminho de Parelheiros a certeza é que a periferia é muito além do Grajaú, é extensa, plural e não cabe em conceitos dos anos 90.

No dia 22 de Setembro, além da Praça e da Igreja Santa Cruz, havia também uma atmosfera eleitoral que amontoava na escadaria igrejaínia do século XIX trabalhadores informais, contratados esporadicamente, balançando bandeiras sem qualquer riqueza ou segregação. Aquela imagem da escadaria talvez fosse a melhor maneira de explicar o que significa a política partidária no Brasil.

Não são nem 10 horas de um domingo, mas a movimentação já é suficiente para que se dispute eleitor e espectador. Do outro lado das bandeiras: crianças, jovens e adultos se reúnem em torno da Saravan que já ecoa baio.

Antes de dar início a peça, a CTI saiu em cortejo pela praça, percorreu todo o entorno da Igrejaínia, furo conquista de voto e chamou atenção de quem esperava tediosamente um ônibus no domingo de manhã no extremo sul de SP.

Edson, 33 anos, confessa que aproveitou o cortejo e a partida de seu coordenador de campanha para deixar a bandeira do candidato Milton Leite de lado e ir participar do teatro que também era baile, ou melhor, bailinho.

Ao começar a peça um menino de 12 anos, que não quis mais falar comigo, comentou em voz alta para seu amigo ao lado: “Não tô entendendo nada, tá pior do que a aula de matemática”. Entre risos e deboches, os garotos olham curiosos para as máscaras rústicas que criam um ar de fantasia e põem em cheque a noção de belo.

A narrativa mistura diversas referências, do mito da caverna à mitologia africana, passando pela cultura nordestina e afro-brasileira. A estória mistura o repertório de eras, curumins e crianças para aguçar a imaginação e resgatar as culturas da terra brasilis.

Entre a inocência das crianças urbanas e a memória de quem já passou pelas zonas áridas do Brasil: recordações e criatividade. “Uma cabaça pode servir para carregar água, farinha e mel, mas pode também ser um boneco e por que não o que você quiser?”, indaga o personagem após ouvir de um compilado de respostas do público que interage sem medo.

Ao decorrer da estória elementos infantis simples são envolvidos em falas que levam a gente para um mundo de sonhos à brasileira. Um ioiô representa o sonho que vai e volta, um peão gira em referência aos ciclos da vida, um espelho reflete o olhar do público imerso em um conto que foge dos enredos tradicionais infantis e traz pra dentro repertórios populares.



Cia. Teatro da Investigação (desde 2003 (r)existimos pela identidade) apresenta:

TEATRO-BAILE

Uma Poética em Construção

CIRCULAÇÃO



ESTRÉIA DIA 11 DE AGOSTO

É a Festa da Criançada! Salve as Crianças, ibejis, Erês, Curumins!
Salve Unibejada!

Um espetáculo da CTI - Direção: CIDA ALMEIDA Direção musical: FERNANDO ALABÊ
Colaboração em figurinos e adereços: KARINE LOPES

-----AGOSTO 2018-----

Sábados: 11, 18 e 25 - 16hs; Domingos: 12, 19 e 26 - 16hs; Quintas: 23 e 30 - 20hs;
Sextas: 24 e 31 - 20hs

Local SEDE CTI - Rua 07i, 212 - Vila Ré! Zona Leste! Pertinho da estação Patriarca do Metrô.
Duração 50 minutos

-----GRATUITO-----

Este projeto foi contemplado pela 30a Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo

TEATRO É SANGUE E PRECISA CIRCULAR

www.teatrobaile.com - www.instagram.com/teatrobaile/ - www.facebook.com/teatrobaile/

APOIO



REALIZAÇÃO



cartaz de CARURU - arte Luis Felipe Macalé

TEATRO-BAILE

Carol Guimarães

Seguindo o fluxo sangüíneo que percorre todo o corpo se constrói uma poética cheia de sonhos e vida.

Vida que segue na construção e re-construção dos destroços que ficaram pelo caminho.

Re-inventar faz parte do processo.

Re-criar.

Re-es(x)istir.

15 anos de estrada é muito chão. Muito amor, muita dor.

Seguimos o fluxo sangüíneo.

Ele circula. Coração não para.

14 meses pulsando:

TEATRO-BAILE TEATRO-BAILE TEATRO-BAILE TEATRO-BAILE TEATRO-BAILE

TEATRO-BAILE TEATRO-BAILE TEATRO-BAILE TEATRO-BAILE TEATRO-BAILE

TEATRO-BAILE TEATRO-BAILE TEATRO-BAILE TEATRO-BAILE...

Corações que pulsam

TEATRO-BAILE

Sonhos que se alimentam

TEATRO-BAILE

Segue o TEATRO-BAILE no portão da divulgação dos espetáculos que por ali circulam

Segue o TEATRO-BAILE nas comunidades de norte à sul, leste à oeste.

TEATRO-BAILE que segue.

A poética em construção que não desmorona no primeiro embate e nem nos demais, pois foram quinze anos aprendendo a cair e levantar.

Ela é forte e instiga a investigar mais e mais sua existência.

É Festa!

É comida, bebida, teatro, música, dança. É sonho! Vida!

É TEATRO-BAILE que mora dentro da gente.

Outubro de 2018

Cia. Teatro da investigação (desde 2003 (R)existimos pela identidade)
da Cooperativa Paulista de Teatro, apresenta:

TEATRO-BAILE

Uma poética em construção



TEATRO É SANGUE E PRECISA CIRCULAR

Investigando a festa como possibilidade de mobilização social





www.teatrobaile.com
projetos@teatrobaile.com

APOIO:



REALIZAÇÃO:

